



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO - UFERSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COGNIÇÃO, TECNOLOGIAS E
INSTITUIÇÕES – PPGCTI
MESTRADO ACADÊMICO INTERDISCIPLINAR

FELIPE ANDRADE SALDANHA

**JOGOS TEATRAIS, GÊNERO E SEXUALIDADE NA EXPERIÊNCIA DE
PESSOAS SURDAS EM CONTEXTO EDUCACIONAL**

Mossoró - RN

2022

FELIPE ANDRADE SALDANHA

**JOGOS TEATRAIS, GÊNERO E SEXUALIDADE NA EXPERIÊNCIA DE
PESSOAS SURDAS EM CONTEXTO EDUCACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar - Mestrado Acadêmico em Cognição, Tecnologias e Instituições da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Cognição, Tecnologias e Instituições.

Orientadora: Dr^a Karla Rosane do Amaral Demoly

Mossoró - RN

2022

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

S162j Saldanha, Felipe Andrade .
JOGOS TEATRAIS, GÊNERO E SEXUALIDADE NA
EXPERIÊNCIA DE PESSOAS SURDAS EM CONTEXTO
EDUCACIONAL / Felipe Andrade Saldanha. - 2022.
106 f. : il.

Orientadora: Karla Rosane do Amaral Demoly.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Programa de Pós-graduação em
Cognição, Tecnologias e Instituições, 2022.

1. Pessoa Surda. 2. Gênero. 3. Sexualidade. 4.
Teatro do Oprimido. I. Demoly, Karla Rosane do
Amaral, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Biblioteca Campus Mossoró / Setor de Informação e Referência
Bibliotecária: Keina Cristina Santos Sousa e Silva
CRB: 15/120

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

FELIPE ANDRADE SALDANHA

**JOGOS TEATRAIS, GÊNERO E SEXUALIDADE NA EXPERIÊNCIA DE
PESSOAS SURDAS EM CONTEXTO EDUCACIONAL**

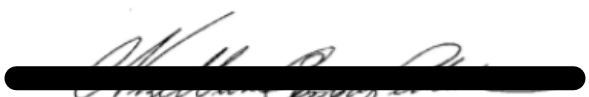
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar - Mestrado Acadêmico em Cognição, Tecnologias e Instituições da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Cognição, Tecnologias e Instituições.

Orientadora: Dr^a Karla Rosane do Amaral Demoly

Definida em 29/08/2022


Prof^a. Pós Dra. Karla Rosane do Amaral Demoly
Presidente da Banca e Orientadora

FRANCISCA MARIA
GOMES CABRAL
SOARES:62602047449
Assinado de forma digital por
FRANCISCA MARIA GOMES
CABRAL SOARES:62602047449
Dados: 2022.07.13 17:42:37
03:00'
Prof^a Dr^a Francisca Maria Gomes Cabral Soares
Examinadora externa (POSEDUC/UERN)


Prof^a Pós Dra Nize Maria Campos Pellanda
Examinadora PPGCTI/Ufersa


Prof^a Pós Dra. Fúlvia da Silva Sphor
Examinadora PPGCTI/Ufersa


Felipe Andrade Saldanha (discente)

NOTA DE ESCLARECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

AGRADECIMENTOS

Quero iniciar agradecendo a minha mãe **Raimunda Andrade (Redilma)** por todo apoio que ela sempre me ofertou, acreditando em mim e no meu potencial. Sou grato por sua vida, pois me inspira todos os dias. Mãe, eu te amo, mais do que tudo nessa vida;

Agradeço o apoio que minhas irmãs **Luana Andrade e Juliana Andrade** sempre me deram, presentes mesmo com a distância física. Amo vocês;

Agradeço ainda no espaço da minha família, vó **Sinhoria Matias**, as minhas tias e primas – MULHERES – referências de acolhimento e visões de mundo que alimentaram meus próprios sonhos. A elas e a minha ancestralidade feminina, meu total respeito;

Sem essa base não poderia pensar em um tema que envolve respeito a diversidade sexual e reconhecimento dos direitos humanos de pessoas que vivenciam limitações num mundo de falantes;

Agradeço a Deus, a Deusa, aos anjos de luz, aos orixás – em especial a oxum, a todos os santos de todos os credos, sou grato por toda divindade que me guia e protege ao ser superior que me manteve de pé até aqui;

Gratidão a educadora e minha orientadora **Karla Demoly** por acreditar no meu projeto e de que seria capaz de chegar até aqui mesmo com toda a dificuldade. Chegamos a esse momento que segue além. Oferto a você essa expressão com o significado do modo conscientemente crítico que a torna especial: Gratidão!

Além desses pilares significativos para o desenvolvimento desse estudo, considero importante estender o reconhecimento a pessoas que atravessaram essa construção como uma “rede de apoio”, nominando e destacando o fato de possibilitarem essa produção. Meus agradecimentos:

Ao meu ex-orientador, amigo e irmão **Demóstenes Vieira**, por ser uma das pessoas que mais me incentivou a crescer, apresentou-me a vida e os caminhos acadêmicos. Incentivou-me a chegar até aqui e querer ir mais longe. Seu companheirismo, seus puxões de orelha e suas indicações fizeram a diferença na minha vida. Você é uma pessoa que mudou a minha vida e merece todo o meu respeito e admiração. Amo você!;

Às minhas amigas-irmãs **Debora Lima e Amanda Sales**, mulheres sensacionais que sempre estiveram ao meu lado torcendo por mim, apoiando-me de inúmeras maneiras e partilhando a companhia do pequeno **Fred**. “Enfien”, amo vocês!

Ao grupo de amigas que estão sempre dispostas a me ouvir e acolher, **Fernanda Skarllath e Virginia Alves, Denise Furtado e Danielle Andrade, Thalyta Alves e Brunny Carneiro**. Uma pauta de sofrência a menos!;

Ao meu grande amigo **Emanuel Moura**, por sempre estar presente mesmo quando some; por ser esse amigo companheiro e ouvir tantos desabafos e

choros; ser essa pessoa que me eleva, mesmo sendo duro continua sendo essa pessoa sensível. “Gratidão, gratiluz, gratidão”;

Ao grupo “Se a sua estrela não brilha...”, **Luiza Carolina Ferreira** e **Lya Barreto**, essas duas amigas maravilhosas que não soltam minha mão nunca. Sempre com uma palavra de apoio ou um textão fazem-me refletir e amadurecer. Sempre, entre um choro e um copo de cerveja, oferecem muito colo e risadas em seguida. Vocês são incríveis.

Ao meu amigo **José Bezerra**, um dos melhores intérpretes de Libras que já conheci. A pessoa que não apenas me apresentou cursos, mas me fez acreditar que posso e sou corresponsável em propagar a inclusão na Língua Brasileira de Sinais, muito obrigado.

À minha turma de mestrado, pelas parcerias que fizemos no decorrer destes dois anos. Meu muito obrigado: **Alice Câmara, Aline Tavares, Ana Beatriz, Jarlene Moraes, Leonardo Almeida, Matheus Madson, Priscilla Freitas, Josiel de Aquino e Kisia Melo**. Vocês foram incríveis!

Às/aos educadores do PPGCTI – UFERSA. Dedico especial atenção a educadora **Nize Pellanda** por toda sensibilidade e experiência compartilhada, por ser um ser tão linda e iluminada, cheia de afecções – como ela sempre nos dizia; a nossa educadora **Kyara Vieira**, por ser essa mulher que luta por aquilo que acredita e inspira tanta gente; e a educadora **Deise Francisco** com quem tive o prazer de estar em duas disciplinas e me fez admirá-la pela forma como multiplica saberes. Gratidão!

Ao **CAS** e às **Personagens** desta pesquisa, elas foram de grande importância para a construção de saberes, a ampliação dos conhecimentos e a propagação da comunidade surda. Meu muito obrigado e respeito a todas elas.

À **Regina Sandra Feitosa de Sales**, uma grande amiga que infelizmente não pode estar fisicamente presente durante minha trajetória do mestrado. A tragédia dessa pandemia COVID-19 nos separou apenas do mesmo plano. Certamente umas das pessoas mais incríveis que tive o prazer de conhecer, seu amor, seu cuidado e todas nossas risadas estarão para sempre guardadas eternamente em meu coração. Obrigado por cuidar de nós. E eu espero que desse lado aí tenha alguém tirando seus cravos. Permanece a amorosidade que você semeou.

“A teatralidade é essencialmente humana. Todo mundo tem dentro de si o ator e o espectador. Representar num 'espaço estético', seja na rua ou no palco, dá maior capacidade de auto-observação. Por isso é político e terapêutico.”

Augusto Boal

RESUMO

A pesquisa que realizamos discute as relações de gênero e sexualidade que emergem nos jogos teatrais construídos por alunas surdas em uma escola de Mossoró/RN. Ao trabalhar com a arte educação e conviver com diferentes circunstâncias referidas ao modo como nossa sociedade acolhe ou segrega as pessoas em virtude de seus diferentes modos de viver o amor e a sexualidade, o autor faz a seguinte pergunta: Como as pessoas surdas entendem e modificam suas percepções sobre as relações de gênero e sexualidade por meio do linguajar e da livre expressão possível nos jogos teatrais? O tema é de grande relevância pessoal, comunitária e científica, diante da dramática e brutalidade que acontecem diariamente em nosso país e mesmo no mundo, quando fortalecemos uma cultura de exclusão e violência, um viver que nega a biologia do amor, constitutiva dos processos de conservação do viver humano. Tomamos como principais intercessores teóricos: Paulo Freire e Augusto Boal para refletir sobre os conceitos de autonomia, liberdade reflexiva e ação no teatro; Humberto Maturana para compreender os movimentos da cognição e da vida cotidiana; e Guacira Lopes Louro, para pensar sobre as relações de gênero e sexualidade no contexto da educação. A metodologia que empregamos foi qualitativa, na forma de pesquisa-intervenção, empregando jogos teatrais, seguindo pistas da metodologia criada por Augusto Boal, o Teatro do Oprimido (TO). O campo empírico da investigação foi a experiência construída com alunas surdas atendidas no Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo (CAS). Realizamos os seguintes procedimentos de pesquisa: a experiência criativa dos jogos teatrais, a escuta sensível de autonarrativas das participantes, a transcrição destas e o desenvolvimento de marcadores da diferença, atentando para o modo de coordenar idéias, emoções, entendimentos, especialmente as inquietudes percebidas e as perguntas que as participantes se colocavam no ato de criação em que trazem seus repertórios humanos, ao se depararem com questões envolvidas no eixo gênero, sexualidade e vida cotidiana. Organizamos encontros para a ativação da escuta sensível que nos permitiu compreender, inspirados na Biologia do Conhecer, mudanças cognitivas relacionadas ao tema da pesquisa. Como aprendizagens e resultados da pesquisa tivemos os movimentos da cognição instaurados nos jogos teatrais, idéias, emoções e modos de compreender a própria sexualidade e as relações de gênero na vida em sociedade. As alunas puderam trazer circunstâncias de silenciamento dos corpos, expressar medos, temores e angústias como emocionares presentes nas cenas do viver e nas imagens teatrais. Ao mesmo tempo, o encontro e a dimensão coletiva do estudo possibilitaram transformações na experiência. Gestos, ideias e emoções nas narrativas foram recorrentes e apontaram para o fortalecimento da autonomia e da liberdade reflexiva, de modo que as emoções se modificaram e as participantes construíram jogos e imagens que configuram inéditos viáveis na experiência da educação. O trabalho traz contribuições para a ciência e nossa vida cotidiana, ao ampliar a reflexão sobre como estamos a construir formas de convivência e

aprendizagem nas diferentes circunstâncias nas quais ganham visibilidade a diversidade dos modos de viver o amor e a sexualidade.

Palavras-chaves: Pessoa surda. Gênero. Sexualidade. Teatro do Oprimido.

ABSTRACT

The research we conducted discusses the gender and sexuality relations that emerge in the theatrical games built by deaf students in a school in Mossoró/RN. By working with art education and living with different circumstances referred to the way in which our society welcomes or segregates people because of their different ways of living love and sexuality, the author asks the following question: How do deaf people understand and modify their perceptions of gender relations and sexuality through the language and free expression possible in theatrical games? The theme is of great personal, community and scientific relevance, in face of the drama and brutality that happens daily in our country and even in the world, when we strengthen a culture of exclusion and violence, a living that denies the biology of love, constitutive in the processes of conservation of human living. We took as main theoretical intercessors Paulo Freire and Augusto Boal, to reflect about the concepts of autonomy, reflexive freedom and action in theater; Humberto Maturana, for our understanding about the movements of cognition and daily life; Guacira Lopes Louro, to think about gender relations and sexuality in the context of education. The methodology we employed was qualitative, in the form of research-intervention with theatrical games, following clues from the methodology created by Augusto Boal, the Theater of the Oppressed - TO. The empirical field of investigation was the experience built with deaf students assisted in the State Center for the Training of Educators and Assistance to the Deaf - CAS. We carried out the following research procedures: the creative experience of the theatrical games, the sensitive listening of the participants' autonarratives, their transcription and the work in which we built markers of difference, paying attention to the way of coordinating ideas, emotions, understandings, especially the uneasiness noticed and the questions the participants asked themselves in the act of creation in which they bring their human repertoires, when facing issues involved in the axis of gender, sexuality and daily life. We organized meetings for the activation of sensitive listening that allowed us to understand, inspired by the Biology of Knowing, cognitive changes related to the research theme. As learnings and results of the research we have the movements of cognition established in the theatrical games, ideas, emotions and ways of understanding one's own sexuality and gender relations in life in society. The students were able to bring circumstances of silencing of the bodies, express fears, trepidation, and anguish as emotions present in the scenes of living and in the theatrical images. At the same time, the encounter and the collective dimension of the study enabled transformations in the experience. Gestures, ideas, and emotions in the narratives were recurrent and pointed to the strengthening of autonomy and reflexive freedom, so that the emotions were modified and the participants built games and images that configure viable unpublished in the experience of education. The work brings contributions to science and our daily lives, by expanding the reflection on how we are building ways of living and learning in the different circumstances in which the diversity of ways of living love and sexuality become visible.

Keywords: Gender. Sexuality. Education. Deaf People. Theater of the Oppressed.

LISTA DE QUADRO

<i>QUADRO 1. Distribuição das teses e dissertações por descrição</i>	37
--	----

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 01: Jogo Mosaico: a liberdade do viver</i>	83
<i>Figura 02: Jogo Mosaico: viver a mulher surda</i>	85
<i>Figura 03: Jogo Imagem: O espelho de ser quem somos</i>	87
<i>Figura 04: Performance final: a pluralidade ser sermos quem somos</i>	88

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAS - Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICES - Instituto Cearense de Educação de Surdos

IFCE - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

PPGCTI - Programa de Pós-Graduação em Cognição, Tecnologias e Instituições

TALE - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TJA - Teatro José de Alencar

TO - Teatro do Oprimido

UFERSA - Universidade Federal Rural do Semi-Árido

SUMÁRIO

1. NARRATIVA INICIAL: os afetos e as afecções do corpo-vivências e as suas transformações	10
2. ENGENDRANDO OS HORIZONTES DO PESQUISAR	19
3. REDE TEÓRICA DE SUSTENTAÇÃO DA PESQUISA EMPÍRICA	22
3.1 SILÊNCIOS, GRITOS DE CORPOS NA VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE E O AMBIENTE EDUCACIONAL	22
3.2 GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO DE PESSOAS SURDAS: construções da ciência a enriquecer a tecitura teórica e nossa reflexão	36
3.3 LINGUAGENS QUE POTENCIALIZAM A EMERGÊNCIA DE SABERES NA EDUCAÇÃO	46
4. A CONSTRUÇÃO DO MÉTODO	49
4.1 A INSTITUIÇÃO QUE ACOLHE O PROJETO DA PESQUISA E OS SUJEITOS DA PESQUISA: um convite às novas narrativas	51
4.2 A CONSTRUÇÃO E PISTAS DO MÉTODO - o percurso comentado	58
4.3 O OFICINAR DE PESSOAS SURDAS E OS JOGOS TEATRAIS PARA A REFLEXÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE	59
4.4 OFICINAS DE JOGOS TEATRAIS	61
4.5 FERRAMENTAS DO PESQUISADOR E AS SUAS AÇÕES NO PERCURSO COMENTADO	65
4.6 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS ADOTADOS NA OBSERVAÇÃO E DISCUSSÃO DAS CONSTRUÇÕES CRIATIVAS DOS PARTICIPANTES	66
5. JOGOS TEATRAIS, GÊNERO E SEXUALIDADE NA EXPERIÊNCIA DE PESSOAS SURDAS: aprendizagens e reflexões	69
5.1 OFICINAR COM O TEATRO PARA COMPREENDER COMO ACONTECEM AS EXPERIÊNCIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE DE PESSOAS SURDAS NA EDUCAÇÃO: um momento de afeto e afecções nas transformações do viver	74
6. CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS: a experiência continua	92
REFERÊNCIAS	95

1. NARRATIVA INICIAL: os afetos e as afecções do corpo-vivências e as suas transformações

A escrita desta dissertação se inicia com uma autonarrativa em primeira pessoa. Importante esclarecer que farei um movimento no escrever e será possível perceber a passagem da primeira pessoa do singular para a primeira pessoa do plural. Este movimento interage com um propósito do autor da pesquisa que é o de trazer a si mesmo, como responsável e implicado com as explicações que vai construindo sobre o fenômeno que deseja investigar. Ao mesmo tempo, carregamos muitos – *nós* – de algum modo presentificados na tessitura do escrever e do viver, quando conhecer é compreendido como algo que queremos pensar junto com os que participam mais diretamente da pesquisa científica. Seja com os que nos leem, ou junto a algo orientadora da pesquisa no processo de pensar juntos, ou mesmo de outros diversos encontros e reflexões resultantes de leituras e do percurso do viver-conhecer.

Início a escrita da pesquisa trazendo minha trajetória sob a perspectiva da formação escolar/educativa que trilhei até aqui. É nesse sentido que começam a se conectar educação e arte. Na verdade, resgatando as devidas simbologias e suas significações, educação e arte me marcam profundamente, desde o ensino fundamental. É daí que trago a lembrança de uma vivência que apenas no espaço acadêmico passei a compreender como uma intervenção de aprendizado.

No primeiro encontro com a arte era apenas eu fantasiado de palhaço e me encontrava junto à minha mãe, cantando uma música, ainda hoje, amplamente conhecida - “o sapo não lava o pé, não lava porque não quer [...]” - e descobrindo diferentes formas de entender aqueles símbolos desconexos - sapo e palhaço - misturados num mesmo momento educativo e lúdico. Foi efetivamente tão intenso que marcou minha existência, deixando imagens gravadas em minha memória.

As imagens são muito importantes e elas congelam e marcam instantes do viver, como esclareceu o biólogo Humberto Maturana à minha orientadora Karla, durante curso realizado em Santiago do Chile. Recordo as cenas e posso voltar a elas, isto porque as lembranças, quando fortes, ficam inscritas em nossos corpos que são linguajantes, corpos que se emocionam, pensam, agem,

sofrem e se alegram, a depender das redes de convivência. Mais tarde, já no ensino médio, foi lá que tive a oportunidade de conhecer, através da linguagem do teatro, formas de atuar ou de me posicionar social e politicamente nas relações que aconteciam nos espaços da educação.

Após o ensino básico, permanecia em mim o desejo de continuar a atuar e performar, algo que me movesse artisticamente. Entretanto, algumas questões transpassaram essa aspiração, das quais a primeira se refere à cidade onde moro – Pacajus-CE. Naquela época, eram inexistentes políticas públicas culturais, conseqüentemente, não havia qualquer espaço voltado para produção cultural (estruturas ou instituições), assim como ações ou movimentos populares voltados para o desenvolvimento cultural da comunidade.

Somado a isso, sentia uma pressão vinda de minha mãe, sua preocupação de que eu me adequasse a uma lógica de trabalho (administrativo ou de linha de produção). Comecei a trabalhar em uma empresa de linha de produção e tudo aquilo que vivi foi uma opressão, pois não era o perfil profissional que desejava ter. Por outro lado, ainda não possuía outras qualificações no meu currículo. Decidi ingressar em um curso técnico de administração para explorar caminhos. A etapa final deste curso me levou a um estágio em escritório de advocacia que me remeteu às mesmas perguntas de dois anos antes: O que estou fazendo da minha vida? Voltava a sentir que ali não era o meu lugar.

O que estava a viver era perturbador para mim, perturbação aqui no sentido de me dar conta da necessidade de me posicionar em atitude de livre reflexão, sobre o que e como acontecem as situações. O que recorrentemente invadia o meu pensamento era que o modelo de trabalho “oito horas por dia em frente a um computador”, definitivamente, não era o que queria para mim.

Sem bases à época, perceberia tempos depois que tudo isso tem relação com a Biologia do Conhecer – teoria que trarei mais adiante na minha pesquisa. À luz dessa teoria, penso hoje as possibilidades de compreender que podemos agir sobre nós mesmos e promover as transformações que desejamos. Como indicou Nize Pellanda – estudiosa desta abordagem – durante nossas aulas no mestrado, as perturbações são possibilidades de transformação. Dessa forma, aquele momento de antes representava apenas que algo queria mudar dentro

de mim e que hoje identifico como sendo já a arte pulsante inclusive como atividade que percebo como forma de minha contribuição social num mundo capitalista.

Quando a arte retoma o seu lugar - a formação técnica

Seguindo essa trajetória de autoconhecimento e busca por me encontrar, ressalto ainda neste período de finalização do estágio do curso de administração ocorreu uma reconexão com Erilana Furtado, grande amiga e atriz. Através dela, voltei meu foco para o teatro e experimentei oficinas de Teatro do Oprimido (TO) aos moldes de seu idealizador, Augusto Boal (2019). Tendo em vista a importância desse modelo para este estudo, uma apresentação teórica do TO será apresentada apenas mais à frente.

Entrei no curso do Teatro José de Alencar - TJA, onde tive experiências com artistas e apresentações teatrais, experiências que expandiram os horizontes para a minha construção artística. Preparei-me para fazer o vestibular para o curso de Licenciatura em Teatro no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), sendo aprovado.

Aqui uma nova etapa irrompe com reflexões no âmbito da escrita científica. Percebo pouco a pouco e cada vez mais a importância das palavras nos seus resgates de significações e explicações.

Quando a arte retoma o seu lugar - a formação universitária

Falar sobre a formação universitária no contexto do objeto deste estudo exige um preâmbulo relacionado a vivências anteriores educativas que marcaram meu corpo e memórias relacionados ao campo da sexualidade. Dois elementos resumem esse recorte. O primeiro se refere ao espaço mais íntimo de um jovem que vai construindo sua identidade cis-gay atravessado por uma sociedade normatizado por uma lógica binária-heteronormativa e evidenciado numa família que ajuntava a isso a experiência religiosa evangélica. Neste lugar, moldam-se afecções identitárias de negação de ser quem sou e de poder expressar a pluralidade de personas que há dentro de mim que se fez/faz presente no meu viver.

O segundo trata-se da escola que mostrava institucionalmente como a sociedade é capaz de oprimir o diferente. Esse espaço demonstrou ser um dos mais opressores pelo qual tive que passar. Castigos físicos por parte de colegas pelo que denominavam como meu “jeitinho”, até as repressões dos profissionais que se apresentavam como responsáveis pela minha formação com expressões tipo “fala grosso” e “vira homem”. Enfim, um mar de violências concretas e simbólicas.

O espaço educativo – alunos, professores e outros profissionais – se mostrou ser capaz de ainda mais, de omissão. A abordagem da Biologia do Conhecer ajuda a pensar isso contrapondo negligência ao erro. A partir dessa lógica, é possível dizer que erramos quando não se sabe o que se está fazendo. Por outro lado, somos negligentes quando se escolhe nada fazer ou ainda quando se escolhe um fazer que reverbera na direção de opressões e sofrimentos, despotencializando os percursos dos envolvidos.

Tendo em mente esses importantes aspectos que me (co)instituíam, é possível chegar à graduação. Lanço-me no curso sem saber o que era uma licenciatura, mas intimamente era afetado de modo que reconhecia naquele espaço meu lugar e, através da vivência formativa do ensino superior assumia sua potencialidade em mudar a minha vida.

Três momentos significativos constituem boa síntese do meu desenvolvimento na graduação. O primeiro semestre é fundante por me oportunizar o (re)encontro com o Teatro Político de Augusto Boal. Os jogos de teatro que foram usados para posicionamentos sociais me encantaram, visualizava maneiras de aplicação do TO nos processos de ensinosa-aprendizagens, tanto na educação formal quanto na informal.

Novo florescimento vem com o segundo semestre ao cursar a disciplina “Fundamentos da Arte na Educação” com a professora doutora Simone Castro, mulher muito competente nos âmbitos técnico, político e ético; assim como reconhecida em sua área de pesquisa. Seus ensinamentos marcaram a minha forma de refletir sobre o lugar de educador do campo da arte, especificamente do Teatro, na interface com a escola. Com ela, a palavra (r)existir se repetia e era despertado em mim o anseio pela docência. As atividades propostas pela professora Simone Castro foram e seguem fundamentais para a minha formação até hoje.

Destaca-se aqui a confluência de quase todos os elementos que se estruturam em mim e mais tarde reverberam enquanto constituintes do objeto deste estudo: sexualidade, gênero, educação e TO. A ligação que estabeleci com o TO fez com que ele me fizesse companhia em todas as disciplinas pedagógicas do curso, bricolando em mim uma constante evolução.

Determinante ainda foi o terceiro semestre. Nele me deparei com uma experiência que iria transformar o meu percurso acadêmico e de vida: conheci a academia a Língua Brasileira de Sinais. A professora Andréa Michiles apresentou à turma uma escola organizada para atender pessoas surdas, o Instituto Cearense de Educação de Surdos (ICES).

Fizemos aula de campo e intervenções. Talvez seja possível considerar este quase como um quarto momento contido no terceiro, afinal é aqui que se mobiliza corpo e memória de todo um conjunto de aprendizagens direcionados a construir potências na educação de artes teatrais. Durante as trocas dos momentos de estágio foi que tomei decisões importantes: iria trabalhar com surdos, aprender a língua e ser um professor bilíngue. Quem diria, aquele que começou a graduação sem ao menos saber o que era uma licenciatura, neste novo momento queria ser professor bilíngue, escolhendo a Libras como segunda língua. Matriculei-me em um curso básico de Língua Brasileira de Sinais um ano depois de ter cursado o componente curricular de Libras, cursei cinco semestres e cheguei ao módulo avançado da língua.

Quando a arte retoma o seu lugar – encontros do viver

No final da graduação, indico dois momentos muito significativos para mim, após a formatura comecei a trabalhar como professor do ensino médio em uma escola do estado do Ceará. Na graduação, aprendi muito sobre a sala de aula, mas foi na vivência do dia a dia com os estudantes que me ajudou a clarear que era esse o caminho que iria trilhar, “eu seria professor!”. Por muitas vezes me emocionei com os meus alunos e alunas, falando sobre resistência e vivências de discentes da periferia e, precisamos ressaltar, uma das periferias consideradas das mais perigosas de Fortaleza. Encontrei no olhar deles a força de (r)existir a esse sistema opressor.

Em meu trabalho com os alunos/alunas na sala de aula, construímos juntos performances sobre feminismo, LGBTfobia, racismo, entre outros temas significativos e relevantes para os alunos e para mim também como professor. Eles encontraram outras maneiras de se expressarem, de serem ouvidos e de mostrarem seus posicionamentos. Foram os melhores três anos da minha vida, mas o que fazer depois de terminar uma graduação, especializações?

Cada conquista até aqui foi com muito suor, literalmente, uma luta diária, mas a vontade de ir além nas pesquisas eram maiores que as dificuldades. Encontrei pessoas no caminho que acreditaram em mim e me impulsionaram a chegar aqui. Destaco meu amigo e ex-orientador professor Doutor Demóstenes Vieira, pois ele me incentivou a fazer uma Especialização em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e depois insistiu para que eu realizasse a seleção do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Cognição Tecnologias e Instituições (PPGCTI). Formação acadêmica para mim, era uma realidade distante, mas o mestrado era mais distante ainda.

Como escrevi antes, ter pessoas que acreditam em nós é de extrema importância. Fiz um projeto baseado na minha trajetória de vida e acadêmica, foi um processo difícil, pois tudo estava ligado, pelas dores do passado, achava que não seria capaz, até ser aprovado para o mestrado Interdisciplinar no PPGCTI na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Na ocasião do processo seletivo apresentei o projeto: “O uso de jogos teatrais como ferramenta para discutir LGBTfobia na comunidade surda no contexto escolar” com a professora Karla Demoly, a quem sou grato por ser seu orientando.

Ao relacionar a intenção de pesquisa com o percurso do viver, neste momento abro espaço para a reflexão e busco compreender a interconexão entre a pergunta que estou a construir e o meu caminhar. Teatro - gênero - LGBTQIA+ - pessoa surda - educação. Abro espaço para trazer a importância destas palavras para a construção da pesquisa em relação ao meu percurso como autor/ator-pesquisador/educador.

Reflexões iniciais sobre a sexualidade

A sexualidade humana materializa-se de formas diversas e dinâmicas na nossa experiência, entre devires e descontinuidades, desde o não entendimento

dos desejos, até chegarmos ao devir consciente dessa autodescoberta. O conceito de devir-consciente é proposto por Depraz, Varela e Vermersch (2003) e Virgínia Kastrup o traz em sua experiência

[...] à luz de uma experiência de rodas de poesia no contexto de um trabalho comunitário com mulheres de classes populares. Apresenta o ciclo básico e a intuição que caracterizam o devir-consciente, sugerindo que esta é uma prática de produção de subjetividade. Analisa o caso específico do devir-consciente de experiências de breakdown (VARELA, 1994), que acessam o plano pré-subjetivo da cognição e que se potencializam na situação grupal através de uma dinâmica de ressonâncias. A roda de poesia revela uma dimensão coletiva da cognição e é proposta uma modalidade de relato que busca dar expressão a ela. A partir desta experiência de cognição coletiva, são levantadas questões relativas aos métodos de primeira e segunda pessoas que se apresentam no campo das ciências cognitivas contemporâneas.

Este conceito se mostra potente para apoiar a reflexão sobre transformações cognitivas, que são para nós mudanças no entendimento sobre como vivemos. Podemos fazer deslocamentos, abrir espaço para a reflexão e transformar entendimentos sobre gênero e sexualidade, discussão que será retomada adiante na tecitura teórica desta pesquisa.

No que se refere à Biologia do Conhecer, não nascemos com um manual de sobrevivência, mas aprendemos de algumas formas a (r)existir, a buscar formas de viver. Por outro lado, não vamos romantizar a dor e o sofrimento provocado pela negação dos desejos e vivência plena e saudável da sexualidade, tampouco os “constrangimentos” sociais que nos levam, muitas vezes, a assumir os papéis sobre gênero construídos historicamente.

Pelo contrário, pretendemos aqui valorizar os processos de aprendizagem que se dão ao longo da vida. Primeiro, comecei a trabalhar a autoestima, pois foi de mim arrancada por não assumir o papel de masculinidade ligado à heteronormatividade. O que me parecia (e que também me foi ensinado) era que, do ponto de vista social, não assumir o papel de “homem” como todos desejavam era errado.

Outro ponto importante é a ligação entre o viver-aprender e a espiritualidade/religiosidade acerca da sexualidade. De fato, me constrangia a assumir determinados papéis para ser aceito pelo “criador”, pois tudo que era

contrário à normatividade sexual do ponto de vista judaico-cristão foi-me ensinado como abominação diante de Deus, o que me leva a refletir sobre o importante papel da religião no processo de construção das sexualidades normativas e não-normativas (VIEIRA, 2020). Para (r)existir eu precisava me resolver dentro de inúmeras caixinhas pré-determinadas pela sociedade.

A necessidade de se expressar e de se reconhecer como homossexual/gay/bicha vem como uma afirmação de quem sou, sem padrões impostos, sem seguir o que diziam ser “normal”. É nas vivências e experiências, cada ser trilha seu próprio caminho entre encontros e desencontros consigo e com os outros.

Quando a arte retoma o seu lugar – o mestrado e os novos conhecimentos

Iniciando o mestrado, me deparei com vários momentos incríveis, um deles é o encontro com o conceito e experiência da autonarrativa o que faço neste primeiro momento da minha escrita na dissertação. Confesso que fazer isso academicamente me deixa, ainda agora, assustado e sinto um pouco de dificuldade – falar na primeira pessoa. O percurso no ambiente acadêmico enquanto potência, por vezes, enrijece-nos.

O mestrado me apresentou inúmeras possibilidades, tenho visto a importância de um profissional interdisciplinar, como aquele que, para refletir sobre um fenômeno, desloca o olhar e busca dialogar com várias áreas de conhecimento. As professoras Karla Demoly e Nize Pellanda foram apresentando grandes autores que precisam ser vistos e estudados, como Francisco Varela e Humberto Maturana que construíram o conceito - a autopoiese -, que faz referência aos seres vivos como os seres que criam a si mesmos no transcurso espontâneo do viver. Com a leitura de textos e a reflexão sobre o que trazem estes autores, a autopoiese, pude compreender o ser humano como ser que cria a si mesmo continuamente.

A Biologia do Conhecer é um modo de ver a fenomenologia dos seres vivos em geral e dos seres humanos em particular, espantosamente produtiva para responder, no âmbito da ciência, a questões que hoje vêm sendo tidas como inadiáveis. Biologia do Conhecer é o nome dado ao conjunto das idéias de Humberto Maturana, inicialmente conhecido como teoria da autopoiese. É uma explicação do que é o viver e, ao

mesmo tempo, uma explicação da fenomenologia observada no constante vir-a-ser dos seres vivos no domínio de sua existência (MATURANA, 2001, p. 9)

Com isso professora Karla, sempre provocando inquietações para a nossa pesquisa que, desde o primeiro dia. Dessa forma, pensamos em uma pergunta de pesquisa baseada em toda essa vivência e construção de quem sou e o que quero pesquisar com muitas afecções.

Vale destacar a pergunta que eu me coloco nesta pesquisa: como as pessoas surdas entendem suas questões de gênero e sexualidade e como podemos investigá-las através dos jogos teatrais?

Para Humberto Maturana (2006) o - entendimento - é mais amplo do que - o conhecimento -, porque faz referência ao contexto no qual as explicações ganham sentido.¹ Nesta reflexão, o autor esclarece que o conhecer envolve a descrição de algo, enquanto o entendimento faz ampliar o olhar e interconectar a explicação com as condutas que coordenamos nas relações. Há, portanto, um contexto no qual as explicações ganham sentido. Vitor Pordeus em um encontro na universidade UFERSA destacou: “narrar o que fazemos e fazer o que narramos” Vitor, psiquiatra transcultural e ator também, apóia nossa reflexão, quando buscamos compreender nas narrativas e linguajares teatrais de pessoas surdas seus modos de viver as relações de gênero e sexualidade na educação.

Quando aponto - como os sujeitos surdos entendem - e trago uma proposta de criação com teatro e autonarrativas, o que explicarei na metodologia, trago que estes modos de entender, nos estudos da cognição, me possibilitam observar e refletir sobre idéias, emoções e ações em movimento nas vivências trazidas em uma pesquisa que faço com pessoas surdas.

Com isso, a presente pesquisa acontece com a aplicação de jogos teatrais adaptados para a Libras e a construção de novos jogos e dinâmicas através das trocas com as pessoas que participarão das nossas intervenções.

¹ Narrativa de Humberto Maturana anotada pela Professora Karla Demoly durante curso em Santiago do Chile, 2006

2. ENGENDRANDO OS HORIZONTES DO PESQUISAR

Os objetivos do estudo se apresentaram com mais clareza depois de muitos questionamentos, buscas, reflexões e aprendizagens. Compreendemos que esse é o percurso inerente a arte de pesquisar no campo da abordagem sistêmica. Essa abordagem envolve um lidar com nós mesmos, olhar para a trajetória, olhar para os problemas que vivemos no cotidiano – no caso, da educação – e aceitar o desafio de perceber as interrelações desses eixos com as experiências humanas na sociedade. Lidar é aqui intencionalmente escolhida como uma palavra-conceito apresentada por Nise da Silveira. Esta importante estudiosa da subjetividade e da saúde mental a utiliza no sentido de explicar a diferença entre o fazer técnico do serralheiro ao cortar a madeira e o fazer do artista que toma a madeira em suas mãos e sente o traçado, segue e corta as linhas que lhe permitem construir imagens.

Gilbert Simondon, em estudo que realizamos durante o mestrado, destaca em sua obra a presença do ser humano como o maestro da orquestra de sua vida, refere-se o autor também a este lidar, com suas palavras escritas em carta endereçada à Jacques Derrida²

Longe de ser o vigia de um grupo de escravos, o homem é o organizador permanente de uma sociedade dos objetos técnicos que precisam dele como os músicos precisam do maestro. O maestro da orquestra só pode reger os músicos porque ele interpreta, como eles e tão intensamente quanto todos eles, a peça executada. Ele acalma ou apressa os músicos, mas é também acalmado e apressado por eles; de fato, através dele, a orquestra acalma e apressa cada músico. Ele é para cada um deles a forma movente e atual do grupo em sua existência presente; ele é o intérprete mútuo de todos com relação a todos. Assim, o homem tem por função ser o coordenador e o inventor permanente das máquinas que estão à sua volta. Ele está entre as máquinas que operam com ele.

A ação de escrever e pesquisar nos torna responsáveis pela peça executada, assim como o artista que encena no teatro e, assim, possibilita transformações em si mesmo e naqueles que interagem com as cenas. Todo

² Sobre a tecnoestética: Carta à Jacques Derrida. Disponível em: <https://monoskop.org/images/f/fa/Simondon_Gilbert_1982_1998_Sobre_a_tecno-estetica.pdf>. Acesso em 08 de fevereiro de 2020.

cuidado tive na definição e reconstrução do objetivo geral do trabalho neste sentido da responsabilidade de pesquisar.

Nosso objetivo geral vem cooperar com a pesquisa através do entendimento que é proposto: compreender como as pessoas surdas, no contexto de uma experiência educativa com o Teatro do Oprimido expressam e modificam suas percepções e entendimentos sobre gênero e sexualidade.

A reflexão sobre o caminho que vamos trilhar para atingir este propósito geral nos levou a: 1. Acompanhar o percurso e as mudanças cognitivas (que são sempre afetivas e envolvem nossos corpos linguajantes, mudanças no entendimento sobre como vivemos e sobre como conhecemos) - gestos, cenas, idéias/entendimentos, emoções, referidos às relações de gênero e sexualidade na experiência dos/as participantes da pesquisa; 2. identificar marcadores - imagens e autonarrativas - que emergem como recorrentes no percurso do viver a sexualidade e no contexto da experiência dos participantes com os jogos teatrais do TO; 3. Elaborar (facilitador e os participantes) e aplicar uma sequência de Jogos Teatrais em Libras com foco nas questões de gênero e sexualidade e, 4. Observar e tecer reflexões a partir das construções dos participantes sobre gênero e sexualidade que emergem no percurso de realização dos jogos teatrais.

A arte que trazemos na pesquisa envolve um conjunto que se articula na construção e conservação do modo como vivemos e nos afetamos na sociedade, sabemos que estamos em um contexto bastante marcado por preconceitos, adoecimentos, dificuldades humanas de acolher as diferentes formas de viver e amar. Esta abordagem que faz conectar o conjunto todo, pudemos aprender com Simondon que também se refere ao que se passa na nossa experiência no lidar com arte, materialidades, relações humanas e tecnologias.

A arte não é apenas objeto de contemplação, mas de uma certa forma de ação, que é um pouco como a prática de um esporte para aquele que o utiliza. O artista pintor sente a viscosidade da tinta que ele mistura na sua paleta ou estende sobre a tela; esta tinta é mais ou menos untuosa e a sensibilidade tátil vibratória entra em jogo para o ator que é o artista, particularmente quando o pincel, a broxa ou a faca entram em contato com a tela, esticada no quadro e elástica. Com a aquarela é uma outra sensação, a de um apoio mais ou menos resistente do pincel que dispõe as transparências, fundindo os tons. Com a música, o peso da surdina de um piano, a energia cinética do jogo que comanda, em deslocamento horizontal, o “pedal” piano e o outro deslocamento dos abafadores de feltro, cuja distância deixa vibrar as cordas e mistura os sons pela vibração livre, lentamente decrescente, das cordas tocadas (SIMONDON, 1998, p. 257).

Em minha pesquisa trarei o linguajar por meio do teatro e das narrativas dos participantes que se comunicam na Língua Brasileira de Sinais. Vale salientar que entendemos o teatro é uma forma de ação sobre si mesmo e sobre o mundo que construímos. A atenção na pesquisa está dirigida para as relações e experiência na qual os participantes nos permitem perceber e compreender as questões de gênero e sexualidade.

Os estudos sobre gênero e sexualidade tornam-se cada dia mais importantes em uma sociedade que exclui, mata, violenta pessoas que, no percurso espontâneo do viver, desejam uma convivência amorosa diferente do padrão homem-mulher, marido-esposa, modelo este fortalecido em uma sociedade patriarcal. No que se refere ao Brasil, vale destacar que, infelizmente, nós ocupamos o lugar do país que mais mata pessoas LGBTQIAP+, segundo último Relatório de Mortes Violentas LGBTQIAP+ no Brasil (2020)³.

Outro recorte que comprova a necessidade de nossa pesquisa está no fato de que trazemos a experiência e a reflexão para o território de nossa convivência com pessoas surdas, portanto, novamente uma questão que já traz como marca formas de exclusão social. Nesse sentido, os estudos sobre surdez se ampliam e compreendemos que a abertura de espaço e tempo sensíveis para o trabalho nesta comunidade é muito importante.

Mais adiante, no desenvolvimento deste escrito, trarei a rede teórica, onde faço a reflexão e procuro apoio em autores que favorecem o trabalho no qual busco compreender transformações relacionadas à gênero e sexualidades na experiência de um coletivo de alunos surdos. Realizei também um levantamento de estudos interessantes que dispomos no campo científico e que colocamos em discussão, estudos que interagem com conceitos presentes no trabalho. Os estudos sobre gênero, sexualidade, arte/teatro e surdez se colocam com potencial das novas possibilidades para compreender as relações que construímos no cotidiano.

³ Disponível em:< <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2020/>>. Acesso em 17 de junho de 2022.

3. REDE TEÓRICA DE SUSTENTAÇÃO DA PESQUISA EMPÍRICA

3.1 SILÊNCIOS, GRITOS DE CORPOS NA VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE E O AMBIENTE EDUCACIONAL

O ambiente educacional foi/é um lugar de aprendizagem, desenvolvimento tão pessoal, quanto social, mas por muitas vezes, nos deparamos com os silenciamentos de corpos que querem se manifestar de muitas maneiras. Sejam essas expressões artísticas ou em marcas trazidas em seus corpos.

Dessa forma, precisamos refletir e nos aprofundar nas mudanças epistemológicas, nas transformações do viver, nas narrativas e no contexto social que implementa e que ressignifica o modo de viver desses corpos e suas identidades, que se fazem presentes na vida cotidiana de formas diversas. Guacira Louro (2014), estudiosa das relações de gênero na educação, nos mostra que as/aos educadores/as requer: "[...] saber como se produzem os discursos que instituem diferenças, quais os efeitos [...], quem é marcado como diferente, como currículos e outras instâncias pedagógicas representam os sujeitos", e "que possibilidades, destinos e restrições a sociedade lhes atribuem" (LOURO, 2014, p. 49). Como a pesquisa envolve a instituição e educação, estamos a lidar com estes atravessamentos que colocam em relação os movimentos de corpos linguajantes e as diferentes formas de viver o afeto e as sexualidades.

Assim sendo, as diferenças se constroem/constituem nas relações e não podem ser separadas, uma rede tramada como um conjunto de saberes. Dessa forma, diante disto, me interesso em refletir sobre as formações e vivências dos discentes e sobre essa construção social que pode apresentar mudanças, dentro e fora do espaço educacional.

Assim, podemos ver que as pessoas surdas sofrem com o silenciamento de seus corpos. Historicamente, aos surdos foram negados diversos direitos, desde a negação da língua gesto-visual e, com isso, a negação de suas formas de aprender, interagir, viver, conhecer.

A professora Karla realizou em sua tese de doutorado a “discussão sobre os modos de viver-conhecer no encontro com diferenças perceptivas visuais e

auditivas” e, neste trabalho, entrou em contacto com as obras de Bernard Mottez e Brigitte Garcia (DEMOLY, 2008, p. 75). Pude compreender que Mottez deflagrou na França um movimento pelo reconhecimento da Língua de Sinais Francesa. Já Garcia (ano) traz importantes estudos sobre a Língua de Sinais e sobre a formação bilíngue de pessoas surdas e de ouvintes. Estes trabalhos promovem um deslocamento e abrem as portas para práticas de inclusão de surdos nos espaços da sociedade. Em nosso país, um olhar sobre a história nos permite ter uma idéia das formas de exclusão e apagamento de corpos e vidas em nossa sociedade. Conforme Demoly (2008, p. 83):

Antes de chegarmos até a Língua de Sinais, tivemos criações em certos mosteiros onde a regra de silêncio era observada. Foram criados entre 500 e 1300 sinais a partir da Idade Média com o objetivo de comunicar sem fala. Entretanto, a elaboração da LS considera a convivência de Surdos nas famílias e a necessidade de comunicação. Pedro Ponce De Leon (1520-1584) desenvolve um trabalho de educação de crianças surdas, filhos de nobres. Leon era da ordem Beneditina e, em um mosteiro, se dedicava ao ensino da fala, da leitura e da escrita. Outra circunstância significativa foi quando Denis Diderot, na França, produz uma Carta sobre os “surdos-mudos” para uso dos que ouvem e falam (1751), texto este destinado a um professor de retórica e filosofia antiga. Neste trabalho, Diderot questiona os métodos até então utilizados com surdos, ressalta a complexidade das Línguas de Sinais e analisa lingüisticamente a produção de signos por meio de gestos (MOTTEZ, 2006).

O percurso e movimentos para que cheguemos ao reconhecimento deste modo próprio de interagir e viver é longo. Destaca-se na literatura sobre a cultura e modos próprios de viver de pessoas surdas o trabalho do abade L'Épée, religioso que reunia surdos nos arredores de Paris. Conforme Demoly (2008) a partir de estudos das obras de Gremion, 1991 e Mottez, 2006, este religioso “[...] criou a primeira escola pública para surdos em 1756 e a precursora no uso da Língua de Sinais. Foi a primeira vez na história que os surdos adquiriram o direito ao uso de uma língua própria (GREMION, 1991, p. 47).

O processo que nomeio como - apagamento de corpos - é perceptível também neste percurso pelo reconhecimento da LS. Importante ressaltar todo o preconceito e tentativa de enquadrar pessoas surdas no universo de ouvintes que conhecem e vivem mediante o linguajar de línguas orais, quando nos deparamos com a história e sistemas utilizados pelas pessoas surdas para habitar este mesmo mundo. Conforme escreve Demoly (2008, p.83):

[...] a partir de 1880, o Congresso de Milão coloca em discussão a educação de Surdos, momento em que se define o oralismo como método único. A voz torna-se o único meio de comunicação e de educação para os Surdos. Este congresso reunia ouvintes que decretaram a interdição do uso da LS E três razões são colocadas: considera-se que a LS não é uma verdadeira língua porque ela não permite falar de Deus e que os signos impedem os surdos de bem respirar, o que favoreceria a tuberculose. Esta interdição dura cem anos. Nas escolas os professores eram ouvintes e os estudantes Surdos deveriam oralizar.

Os surdos seguiram criando formas de não permitir o desaparecimento da LS reunindo-se, utilizando e ensinando nos momentos de recreação ou mesmo fora do espaço escolar. E no ano de 1991 uma lei – Lei Fabius – passa a permitir a escolha por uma educação bilíngue para os surdos e, em fevereiro de 2005, uma lei decreta a Língua de Sinais Francesa como língua oficial dos surdos na França. E a comunidade surda no Brasil está também em movimento de transformação. Conforme dados da FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos,

[...] a Língua Brasileira de Sinais foi desenvolvida a partir da língua de sinais francesa. Alguns dados históricos são esclarecedores dos processos que vivemos até o reconhecimento da LS em nosso país. Durante o governo Imperial de D. Pedro II, o professor francês Ernest Huet, a convite de D. Pedro II, veio para o Brasil para fundar a primeira escola para meninos surdos. Seguidor da idéia do abade L' Épée, que usava o método combinado, Ernest Huet nasceu na França em 1822 e ficou surdo aos 12 anos de idade. Somente em 1986 a Língua de Sinais passou a ser defendida no Brasil. No dia 16 de maio de 1987, foi criada a FENEIS. Esta sucessão de mudanças significativas teve seu ponto mais alto com a assinatura da Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que identifica a Língua de Sinais Brasileira como uma língua usada pela Comunidade Surda Brasileira. E posteriormente em Brasília, no dia 22 de dezembro de 2005 foi assinado o Decreto da Lei de LIBRAS Nº 5.626 de 22/12/2005 pelo governo brasileiro (DEMOLY, 2008, p. 84).

Sempre que se realizam estudos envolvendo pessoas surdas é necessário trazer esta luta pelo reconhecimento de sua primeira língua, no Brasil, a Língua Brasileira de Sinais. E esta luta não para aí, pois segue no campo interdisciplinar em uma incessante construção de outras tecnologias, como a escrita de sinais proposta pelo projeto SignWriting do qual participam pesquisadores brasileiros, Antônio Carlos Rocha Costa e Marianne Stumpf.

Não é objeto, aqui, de nossa investigação, mas queremos ressaltar que ampliar possibilidades de comunicar, estabelecer relações e de trazer os

repertórios humanos que se fazem presentes em nossa comunidade são movimentos importantes para dar visibilidade aos corpos linguajantes que, muitas vezes, se percebem apagados e excluídos do viver em nossa sociedade. O linguajar sobre o qual destaca Humberto Maturana como modo humano de viver e conhecer se mostra nas relações. Acolher uma língua gesto-visual, criar formas de escrita, acolher as formas de viver as relações de gênero e as sexualidades... São tantas as transformações que buscamos compreender na realização da pesquisa intervenção, esta que fazemos juntamente com as pessoas e não para as pessoas.

Concretamente, estamos a lidar com esta circunstância a todo momento, quando atentamos para a presença/ausência de pessoas surdas dos espaços da educação de forma inclusiva, dos espaços de gestão da educação, da docência ou mesmo do trabalho nas escolas e nas universidades, por exemplo.

A sexualidade é algo manifestado desde sempre pelos seres humanos. Faz parte das expressões humanas e de seus desenvolvimentos e são apresentadas de inúmeras formas. E, normalmente, é ensinada nas escolas apenas de uma forma biológica e restrita à dimensão do organismo e não da biologia como modo de viver e se relacionar. Desta forma, questionar e problematizar estes conhecimentos sobre a surdez, especialmente as relações de gênero e sexualidade é de suma importância, pois entendemos que as crenças, mitos e estigmas são criados nas condutas que vamos adotando e coordenando com os outros nos mais diversos contextos. E vamos nos aproximando na necessária reflexão e aprofundamento sobre a sexualidade.

De acordo com Lebedeff (2010), a sexualidade é uma temática repleta de simbologias, consciente ou não e, nas literaturas, quando se trata das pessoas com deficiência, há uma dualidade, para algumas essas pessoas são assexuadas, com um comparativo as crianças e, por outro lado, hipersexuadas, sem apresentar a afetividade. Assim, apresentam dificuldades em relação à sexualidade e ao conhecimento da pluralidade das pessoas e das suas diferenças.

Debates epistêmicos sobre gênero e sexualidade

Quando se fala em gênero, já contamos com uma ampliação no entendimento quando nos encontramos com a leitura de Joan Scott, cientista bastante reconhecida nos estudos de gênero que alerta para o cuidado no emprego das palavras: “Aqueles que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as idéias e as coisas que elas significam, têm uma história” (SCOTT, 1995, p. 15)

Em nosso país, a pesquisadora Guacira Lopes Louro, já referida anteriormente, realiza importantes considerações ao longo de sua trajetória como pesquisadora, especialmente estudos que aproximam gênero e educação. Para Louro, em um período anterior de sua trajetória:

[...] debater gênero e sexualidade aponta para a ótica da diversidade como uma forma de se representar a pluralidade de experiências possíveis da sexualidade humana, ligado à idéia presente na categorização simplesmente dual do conceito de gênero (homem-mulher). É imperativo, então, contrapor-se a esse tipo de argumentação. É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental (LOURO, 1997, p. 14-16)

Como podemos observar, a autora está a questionar a dualidade homem-mulher e nos convida para uma reflexão que atenta para as diferentes formas de viver sexualidades em nossa sociedade. Podemos refletir de que esta dualidade que se faz presente ainda nos dias de hoje resulta de nossa cultura patriarcal e interconecta com o entendimento cartesiano sobre viver e conhecer, uma entre tantas outras separações que nos impedem de acolher e aprender com a diferença, quando estamos a conviver com situações que envolvem diversidade, gênero e sexualidades na educação.

Nas palavras da autora, em estudos mais recentes, realiza-se a seguinte reflexão sobre gênero e sexualidade:

Gênero e sexualidade são construídos através de inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado. Na contemporaneidade, essas instâncias

multiplicaram-se e seus ditames são, muitas vezes, distintos. Nesse embate cultural, torna-se necessário observar os modos como se constrói e se reconstrói a posição da normalidade e a posição da diferença, e os significados que lhes são atribuídos (LOURO, 2008, p. 17)

Retomando o que aprendemos com Joan Scott, importante historiadora, posso destacar um artigo traduzido do francês e publicado inicialmente em 1990. Neste trabalho, ela já esclareceu sobre a necessidade de refletirmos sobre gênero, colocando o fenômeno que estudamos sempre em relação com o conjunto do tecido de nossa sociedade, sua cultura, regimes políticos, sistemas econômicos, dentre outros aspectos, isso porque estas e outras dimensões da experiência humana afetam e desenharam o modo como somos percebidos no ambiente que vivemos. Em vista disso, vale salientar que:

Na sua utilização mais recente, o termo "gênero" parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como "sexo" ou "diferença sexual". O termo "gênero" enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. Aquelas que estavam preocupadas pelo fato de que a produção de estudos sobre mulheres se centrava nas mulheres de maneira demasiado estreita e separada utilizaram o termo "gênero" para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico. Segundo esta visão, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e não se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado. Assim, Natalie Davis afirmava, em 1975: "Penso que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens como das mulheres, e que não deveríamos tratar somente do sexo sujeitado, assim como um historiador de classe não pode fixar seu olhar apenas sobre os camponeses. Nosso objetivo é compreender a importância dos sexos, isto é, dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir o leque de papéis e de simbolismos sexuais nas diferentes sociedades e períodos, e encontrar qual era o seu sentido e como eles funcionavam para manter a ordem social ou para mudá-la (SCOTT, 1995, p. 2).

Dessa forma, entendemos que precisamos ir para além do biologicismo, do binarismo de gênero pautado no sexo biológico, e discutirmos as múltiplas possibilidades de vivência dos corpos e da sexualidade, as diversas masculinidades e feminilidades.

De acordo com a *World Health Organization*, a sexualidade humana deve ser compreendida como aspecto ligado à pessoa ou ao indivíduo em processo de construção, durante toda sua trajetória de vida, englobando as questões de sexo, identidades e orientação sexual, papéis de gênero, assim como pauta

aspectos como o prazer e a reprodução. Assim sendo, esta organização aponta que a construção da sexualidade envolve uma diversidade de fatores: biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2007).

Desse modo, trazemos à baila uma concepção de sexualidade ligada à cognição, como processo amplo de experiências e desenvolvimento, sem negações dos saberes desses corpos, o que nos leva a explorar os entendimentos da pessoa surda acerca de viver e sentir.

Em vista disso, nosso trabalho se opõe a dicotomia de gênero homem/mulher, homo/hétero, cis/trans e se debruça em entender a pluralidade encontrada em todos os corpos humanos que se constituem na diferença, portanto, nos seres humanos linguajantes, em especial, a pessoa surda, que nos interessa em particular.

Existências negadas e a construção da diversidade: convergindo gênero, sexualidade e pessoa surda

Nos parágrafos que, aqui, discorreremos, tentaremos traçar um esboço sobre o conceito de gênero, desde sua origem. O início dessa palavra/conceito como reflexão científica se relaciona diretamente com o movimento feminista. A tão conhecida primeira onda do feminismo, que iniciou no século XIX, nos Estados Unidos e Europa, foi reconhecida pela luta das mulheres por seu direito ao voto, o sufrágio. Podemos lembrar também que na sua grande maioria as mulheres daquela época eram brancas e faziam parte da classe média (LOURO, 2003; FARIA, 1998).

Dando continuidade, a proposta era fortalecer as críticas ao capitalismo e, nessa segunda onda o movimento feminista aconteceu em 1960, ganhando outras preocupações, para além das questões sociais e políticas, pois agora as lutas eram dirigidas à defesa pelos direitos das mulheres, entre eles o direito ao divórcio; escolhas sobre a maternidade de querer ou não ter filhos; sobre suas sexualidades; denúncias dos abusos que as mulheres enfrentavam e, ainda, a busca pela inclusão e da necessária discussão teórica dos conceitos de gênero. Através dessa luta, surge então os estudos da mulher, entre produções acadêmicas, inovando as pesquisas e pondo as mulheres como intelectuais

feministas que abriram espaços para que outras viessem após elas, dando reais condições para estudos sobre a vida e os trabalhos em torno do feminino (LOURO, 2003; FARIA, 1998).

Dessa forma, Cláudia Viana (1997) nos apresenta que o esforço de deixar para trás as explicações que enfatizavam o aspecto biológico para observar e discutir a construção social das diferenças sexuais nos leva a “muitos e qualitativamente variados usos do termo gênero”:

Procurando superar o determinismo biológico como fator explicativo, há aqueles que o utilizam para resgatar a produção cultural e histórica das diferenças sexuais, mas que mantêm o sexo, isto é, as distinções biológicas como referência explicativa. Outros não vêem nenhuma contribuição da biologia para explicar as diferenças e semelhanças entre homens e mulheres, fenômeno este considerado eminentemente cultural (VIANNA, 1997, p. 123).

Dessa forma, nasce o conceito para contrapor-se à idealização do determinismo biológico. Assim, essa diferença sexual que tanto é evidenciada na sociedade capitalista, apresentava a desigualdade entre homens e mulheres como eixo central das reflexões. As discussões das dissemelhanças voltam, então, para as posições sociais e historicamente definidas nas quais as relações se estabeleciam, agora não mais para as questões biológicas. Conforme escreve Vieira (2020), é do interesse do capitalismo manter os lugares sociais de opressão, incluindo a papéis sociais de gênero, em que as mulheres e sexualidades dissidentes ocupam espaços marginais na sociedade. Por esse motivo, discutir as questões de gênero é refletir sobre as desigualdades sociais.

O autor Thomas Laqueur (2001) nos mostra que, nessa cronologia do tempo, homens e mulheres possuíam seus lugares sociais e seus corpos modificados e expostos em evidências de que o biológico não devesse ser um dado incotestável, pois é visto as transformações de acordo com o tempo, assim sendo, uma construção social e histórica.

Dessa forma, Rewing Connell (1995, p. 1889) escreve que “capacidades reprodutivas e as diferenças sexuais dos corpos humanos são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico”. Diante das afecções sociais de gênero são ultrapassadas as barreiras da centralização biológica e as “interações face a face entre homens e mulheres”. Portanto, precisamos

compreender aí a “economia, o estado, a família, a sexualidade, dimensão internacional” (CONNELL, 1995, p. 189).

Assim sendo, as ocupações do conceito de gênero são inúmeras. Linda Nicholson (2000) destaca aquilo que denomina literaturas do “feminismo da diferença”, isto é, que prevê e destacam a alteridade universal e importante entre homens e mulheres, que oscilam entre distanciamento e aproximações, no que se refere aos dois extremos: as definições biológicas e a construção social. Dessa forma, a autora se afirma que o “fundacionalismo biológico”, não se distancia e desvincula do fator biológico.

É notório que quando falamos de pluralidade sobre o que é ser mulher, essa diversidade não é tão visibilizada como a relação de alteridade homem/mulher, isso porque as subjetividades em relação aos homens são ressaltadas por um constituinte similar ligado ao sexo biológico e à globalização. É nesse contexto, em especial, na década de 1980, a partir da visão das ocidentais, brancas, heterossexuais e da classe média, que um grupo de mulheres foram questionadas por aquelas que viviam a margem e que não eram citadas: lésbicas, negras, e de classes mais baixas (NICHOLSON, 2000).

Assim, essas reflexões feitas a respeito das primeiras manifestações aos conceitos de gênero que vem como centrais desta pesquisa, buscando compreender as definições a partir das autoras de grandes estudos científicos. Scott (1994), dessa forma, estabelecendo o conceito de gênero:

[...] organização social da diferença sexual percebida. O que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas fixas e naturais entre homens e mulheres, mas sim que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. Esses significados variam de acordo com a cultura, os grupos sociais e no tempo [...] (SCOTT, 1994, p. 13).

Ao destacar a dimensão da cultura, a autora rompe e não resvala na atitude de polarização homem-mulher, na qual observamos uma espécie de bipolaridade e contínua luta que caminha bem de acordo com o mecanismo patriarcal e a lógica cartesiana das separações e fragmentações na convivência em sociedade. É preciso desaprendermos e nos aproximarmos deste estranho em nós mesmos, quando nos encontramos com os outros em seus diferentes modos de viver as relações de gênero e sexualidades, assim como é urgente

nos aproximar destes outros que experimentam formas brutais de exclusão em nossas sociedades (VIEIRA, 2020). Ao nos aproximarmos e verdadeiramente realizarmos práticas inclusivas de acolhimento e aprendizagem em educação, passamos a desaprender os mecanismos de um viver competitivo e aniquilador de nossas subjetividades como seres constitutivamente amorosos, frágeis, que precisamos uns dos outros para viver a alegria e o conhecimento.

Quando se trata de pessoa surda, as questões de gênero e sexualidade podem ser intensificadas com a imprudência, tanto no âmbito familiar, quanto no contexto escolar. Historicamente, é possível identificar que os surdos passaram por diversos processos de negação (de saberes, aprendizagem, cultura e sua própria língua), como já pudemos refletir nesta pesquisa. As questões de gênero e sexualidade tendem a ser limitadas ou paralisadas no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que a essas pessoas resta apenas recorrer a sua rede de apoio circunscrito a relacionamentos de forma afetivo íntimo, tais como amigos(as), núcleo familiar ou namorado(a) (GUIMARÃES, 2019).

Diante dessa inquietação, percebo na pesquisa a importância e necessidade também de compreender de que recorte vivencial estamos a tratar. É preciso irmos além do aspecto da comunicação, no qual já pudemos entender que o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, define em seu Art. 2º apresenta as pessoas surdas como aquelas que tiveram perda da audição e, dessa forma, desenvolvem uma compreensão e interação socialmente a partir de experiências gestos-visuais, expressando-se culturalmente por meio da Língua Brasileira de Sinais - Libras (BRASIL, 2005). A pesquisa constrói uma experiência de oficinas de teatro nas quais as pessoas surdas podem expressarem-se e, assim, favorecer maior aproximação do tema do gênero e sexualidades em suas formas de viver e conhecer.

Instituição educacional como lugar possível/potente para debates de gênero e sexualidade da pessoa surda

A pesquisa que eu realizo acontece em um contexto educacional, isto porque compreendo que o tema gênero, sexualidades e a pessoa surda pode ocupar os territórios da educação e, assim, contribuir para práticas potentes de

conhecimento e melhoria no viver de alunos e professores. Neste momento em que me dedico à reflexão teórica, me coloca também a construir possibilidades para o desenvolver de reflexões de estudantes surdos.

Tratar de um tema que interage com a instituição escolar, como brasileiro que reconhece a potência e importância da obra de Paulo Freire, é preciso apontar que buscamos uma educação libertadora. A Educação como ato de amor e liberdade é uma proposta pedagógica elaborada por Paulo Freire, constituída inicialmente no seu interesse de desenvolvimento da consciência crítica dos sujeitos de classes mais vulneráveis, geralmente violentadas do ponto de vista econômico, político, cultural e educacional.

Dessa forma, a Educação Libertadora propõe o encontro dos educadores com povos oprimidos pelo sistema neoliberal. Nesse contexto, a leitura assume categoria importante, pois é através da leitura do mundo que o sujeito se torna capaz de desenvolver a reflexão sobre a condição de existência, possibilitando a conscientização crítica, indispensável às transformações sociais.

Dessa forma, a Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 1987) é um dos seus trabalhos mais importantes, considerada uma das obras mais citadas na área de Ciências Humanas e Educação no mundo, sendo de grande relevância para entendermos a educação nos dias de hoje “A pedagogia do oprimido, que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos” (FREIRE, 1987, p. 9).

Estar ao lado, caminhar e pesquisar com sujeitos que vivenciam as diferentes formas de opressão é uma escolha não apenas científica, mas política e ética. Acredito que desde o início desta escrita os recortes da cultura, da educação e do trabalho com pessoas surdas foram se destacando em minha caminhada. E Paulo Freire trouxe também ferramentas teóricas importantes para chegarmos a Augusto Boal, criador do TO. Freire integrou em seu percurso os círculos populares de cultura, como método para construir uma educação emancipadora, formadora de seres autônomos, influenciando Augusto Boal na construção do TO.

As vivências de opressões que a educação e a sociedade abordam, seja pelas questões históricas de escolhas pelas formas competitivas e pelo patriarcado, seja por causa do capacitismo, ou ainda pelos preconceitos sobre gênero e sexualidade, sempre foram questões para que Boal erguesse sua voz

e a sua luta no teatro para combater a desigualdade social. O amoroso e militante educador (tanto Freire como Boal) propões ações educativas através das quais os sujeitos entendessem os seus corpos marginalizados. Assim, as questões sociais que emergem numa variedade de violências e problemas, tanto dentro como fora das instituições de ensino não devem apagar, bloquear, negligenciar as possibilidades da educação.

Sob essa perspectiva, o professor/pesquisador deve ser agente transformador e potencializador das diferentes subjetividades daqueles que ali aprendem e se relacionam. Ao acolher e trabalhar com comunidades periféricas e excluídas, Freire e Boal buscavam fazer com que seus saberes e suas formas de (r)existir não fossem negligenciadas. Sobre essa questão, Freire escreve que:

Outro saber que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que, além dos conhecimentos dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos, implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quando o seu desmascaramento. (FREIRE, 2019, p. 96).

Continuando com as reflexões de Freire (2019), assim, é exigido do fazer educacional a renúncia da desigualdade e tudo aquilo que é discriminatório, pois são ofensas à democracia e à sua luta pela libertação dos oprimidos. Sendo assim, todos aqueles que se comprometem a lutar pela educação, na perspectiva freiriana, têm o compromisso com a luta pelas práticas inclusivas que valorizam as multiplicidades das pessoas e suas culturas, colocando-as como protagonistas da diversidade, pluralidade de saberes, suas formas de viver suas questões de gênero e sexualidade. Navegamos, portanto, na contramão de toda violência, reafirmando as transformações sociais do viver e sentir.

Assim, este método da transformação se expressa na crítica da realidade opressora, no interrogar de valores e crenças limitantes, na vivência humana para o fazer pedagógico e na edificação da colaboração de uma educação libertadora e a liberdade do ser humano. Dessa forma, torna-se essencial o reconhecimento, por uma concepção de alteridade, que cada pessoa é singular, (r)existe e constrói por meio de suas condutas linguajantes um mundo de descobertas para ser desvendado, porém nunca será compreendido por

inteiro e, dessa forma, qualquer conexão com cada pessoa só poderá ser possível através de diálogo e respeito (MATOS, 2016).

Dessa forma, ao identificar o potencial da prática educativa, é importante não nos prendermos a uma idéia reducionista e iludida de que a educação tem o poder de findar às relações de autoridade e desigualdades que atravessam as instituições em geral (LOURO, 2014), porém afirmar a idéia de que, todos nós seres humanos somos partícipes dos espaços ocupados e aguçados nas buscas das transformações. Como nos apresenta em suas palavras Hooks (2017, p. 56), “fazer da sala de aula um contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir é um objetivo central da pedagogia transformadora”. E, dessa forma, mesmo com a luta para o pertencimento que todos tem direito de vivenciar a educação e a escola, ainda é negado:

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história. (FREIRE, 2019, p. 53).

Dessa forma, faz-se importante que o fazer educacional se transforme e que possamos construir possibilidades para a livre expressão das singularidades e pluralidades de cada ser, para que tenham o direito legítimo de (r)existir e para que seja sucessiva a integridade de cada pessoa e seus direitos, assim sendo, podendo formar indivíduos críticos, com poder no sentido de potência, possibilidades sobre sua autonomia e partícipes das suas narrativas de vida com acolhimento e amorosidade.

Acesso da pessoa surda à educação

A pesquisa discute o linguajar por meio do teatro e as experiências de pessoas surdas no que se referem às suas relações de gênero e sexualidade. Entretanto, cabe destacar que consideramos as criações teatrais em um contexto educacional como agentes tecnológicos, ao compreendermos a importância que a experiência da educação tem em nossas vidas.

Falar sobre o acesso da pessoa surda na escola é um grande desafio, pois temos vários momentos vividos dentro da educação. A forma como a surdez ou o surdo são apontados na educação fala muito sobre os inúmeros problemas que encontramos da não acessibilidade. Pude me dedicar a realizar um olhar sobre a nossa história, na minha busca de compreender o recorte da experiência de pessoas surdas na educação. Trago alguns estudos importantes, agora com ênfase para as questões de educação, gênero e sexualidades da pessoa surda.

No Brasil, a pessoa surda só passou a ter acesso à educação no ano de 1857 sob a influência do Instituto de Paris. Dom Pedro II foi quem convidou junto a Ernest Huet, dando início a seus primeiros trabalhos como professor aqui no Brasil, criando assim, a primeira escola para aluno “surdos-mudos” no Rio de Janeiro, hoje como é conhecido o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Historicamente, entendemos as diferenças nas formas de como as pessoas surdas eram vistas e tratadas. Como apresenta Carlos Skliar (1997, p.115), há algumas décadas “os livros da psicologia da surdez definiam os surdos como linguisticamente pobres, intelectualmente primitivos e concretos, socialmente isolados e psicologicamente imaturos e agressivos”. Dessa forma, o que se observa é a negação cognitiva desses.

Quando paramos e olhamos a história, nos colocamos em um lugar de mudanças e podendo narrar através da própria pessoa surda novas possibilidades do fazer e do sentir pedagógico. Desse modo, a inclusão nos é apresentada para repensarmos as diferentes maneiras de colaborar para que esse sujeito seja além de incluso, participe nas suas próprias narrativas de vida, pensando em nossa pesquisa, principalmente, suas questões de gênero e sexualidade. Lebedeff (2010) nos mostra que: “falar de sexualidade não é tarefa fácil, principalmente por se tratar de um assunto impregnado tanto por simbologias (muitas vezes inconscientes), quanto por valores culturais (conscientes ou não)”. Como mostra a autora, já citada anteriormente, a sexualidade é apresentada de uma forma sucinta apenas como questões biológicas.

Assim, analisando os relatos históricos, desde o início da educação de surdos aqui no Brasil, o Instituto Nacional dos Surdos-Mudos, em 1868, doze anos depois da sua abertura, proibiu a matrícula de mulheres, afirmando que as

estudantes eram promíscuas. Apenas em 1932, as meninas/mulheres puderam retornar aos seus estudos. Existia uma compreensão social de que não haveria problemas em manter as meninas surdas sem escolaridade, meninos sim (MÜLLER, 2017). Isso se deve talvez ao mercado de trabalho não assumido, até então, pelos homens.

Por outro lado, como escreve Klein e Formozo (2007, p.30), as surdas sofrem preconceitos e abusos desde a escola, e mesmo quando são inseridas no processo de escolarização estão ligadas, quase sempre, a profissões ligadas à docência e ao cuidado “que é uma consequência da feminização do trabalho”. A idéia de vocação que instiga para tal justificativa das escolhas.

Cuando planteo la existencia de creencias sobre género y sexualidad me coloco en una comprensión cultural de las diferencias entre hombres y mujeres, interpretando el género como "un elemento constitutivo de relaciones sociales basadas en las diferencias percibidas entre los sexos y como una forma primaria de dar significado a las relaciones de poder". (SCOTT, 1995, p. 86).

Compreender, vivenciar e auxiliar nas questões de gênero e sexualidade é um direito de todos, a educação nos apresenta para além do biológico o viver é conhecer e conhecer é viver, como já nos esclareceram Humberto Maturana e Francisco Varela (1997), para isso a nossa luta é pelo direito de viver e às diferentes formas de existir.

3.2 GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO DE PESSOAS SURDAS: construções da ciência a enriquecer a tecitura teórica e nossa reflexão

Gostaria de salientar, aqui, que venho seguindo uma direção teórica e metodológica e construo esta composição teórica sobre gênero e sexualidade na experiência da pessoa surda, de modo que possa transgredir a concepção cartesiana e binária de gênero. Pude analisar produções acadêmicas disponíveis nos bancos de dados da CAPES no que se refere à temática sexualidade e gênero no contexto de pessoas surdas. Busquei identificar os principais resultados apresentados pelos estudos; examinar convergências e divergências nos discursos produzidos pelos estudiosos sobre a temática e reconhecer possíveis lacunas no que costumamos nomear como estado da arte.

A revisão da literatura é uma pesquisa que tem em vista apresentar o que outros pesquisadores já produziram de conhecimento sobre o assunto no decorrer dos anos e como estas pesquisas vêm nos agregar para novas possibilidades acadêmicas. Desta forma, define-se este tipo de pesquisa como:

[...] um termo genérico, que compreende todos os trabalhos publicados que oferecem um exame da literatura abrangendo assuntos específicos. É possível encontrar diversos artigos de revisão de literatura que apresentam diferentes abordagens para as diferentes etapas do desenvolvimento desses trabalhos (GALVÃO; RICARTE, 2020, p. 58).

Os estudos pesquisados visavam responder a seguinte pergunta-problema: quais os principais conhecimentos produzidos sobre gênero e sexualidade no contexto da pessoa surda em estudos científicos publicados em periódicos de base de dados? Para a pesquisa na base de dados, foram utilizadas as seguintes palavras-chave, associadas pelos descritores booleanos: “sexualidade” e “gênero” e “pessoa surda”.

A pesquisa bibliográfica eu pude realizar em novembro de 2020 e estive concentrada nos trabalhos disponíveis no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, um sistema que dá acesso a teses e dissertações que auxiliam nas pesquisas futuras.

O recorte temporal utilizado para a busca das teses e dissertações foi do período de 2008 até 2019. A seleção dos estudos teve como critérios de inclusão público-alvo e características dos estudos, a busca sobre gênero, sexualidade e pessoa surda. Em virtude da amplitude do objeto e questão problema, estabeleci como critérios de exclusão não possuir no título alguma das palavras-chave.

Baseado nas entradas dos arranjos de palavras-chave, obteve-se inicialmente muitas teses e dissertações, a partir dos critérios de inclusão e exclusão foram reduzidos para oito trabalhos, entre teses e dissertações. Esses trabalhos compuseram o modelo final para análise.

QUADRO 1. Distribuição das teses e dissertações por descrição. Mossoró, 2022.

N	TÍTULO	AUTOR	ANO	TIPO DE PUBLICAÇÃO	INSTITUIÇÃO
---	--------	-------	-----	--------------------	-------------

1	Adolescer no contexto da surdez: questões sobre a sexualidade	Cláudia Alquati Bisol	2008	Tese	UFRGS
2	Da Argila ao vaso: sexualidade e surdez no espaço escolar - atravessamentos discursivos e a construção da sexualidade	Marilda de Paula Pedrosa	2010	Dissertação	UFJF
3	Sexualidade e Gênero: estudos das relações afetivas de jovens surdas de uma escola municipal de educação especial de São Paulo	Karen Ribeiro	2011	Tese	FEUSP
4	Relações entre surdez, raça e gênero no processo de escolarização de alunos surdos do Paraná	Sandra Cristina Malzinoti Vedoato	2015	Dissertação	UEL
5	Experiências linguísticas e sexuais não hegemônicas: um estudo das narrativas de surdos homossexuais	Fabício Santos Dias de Abreu	2015	Dissertação	UNB
6	Surdez, gênero e sexualidade: um estudo sobre o imaginário social em uma escola de ensino fundamental bilíngue no sul do Brasil.	Márcia Beatriz Cerutti Müller	2017	Tese	UNILASALLE
7	Pesquisadoras surdas brasileiras: divulgação online para contribuição na pesquisa do novo milênio	Halana Maia Pereira	2019	Dissertação	UFF
8	Representações sociais sobre a sexualidade: um estudo com discentes surdos	Valéria Maria Azevedo Guimarães	2019	Dissertação	UFS

Fonte: O autor, 2022.

As análises dos achados permitiram a sistematização de quatro temas de análise: (i) educação, surdez e sexualidade, (ii) estudos linguísticos,

diversidade e surdez, (iii) estudos surdos, (iv) representações sociais e imaginário sobre a surdez.

Além dos elementos de estruturação das teorias e estratégias metodológicas, é importante destacar que busquei sempre respeitar os princípios éticos da fidedignidade das informações e responsabilidade. Isto porque, de acordo com as Resoluções nº 466/2012 e 510/2016, que dispõem sobre a ética na pesquisa relacionada a seres humanos, determina-se que estudos de cunho de revisão não precisam ser submetidos previamente ao Comitê de Ética em Pesquisa.

Nossa perspectiva teórica para a reflexão sobre percursos humanos de viver-conhecer interage com a idéia de redes de conversações como modo de construirmos e conservarmos o viver. Portanto, não representamos o mundo, nós o criamos com nossas ações linguajantes. Buscamos ampliar este trabalho de busca de estudos que giram em torno do tema central e trazer, como palavras-chave, a abordagem epistemológica, portanto, a biologia do conhecer, de modo a fazer maior aproximação com as redes que fortalecem a experiência de nossa pesquisa.

Estado da arte sobre gênero e sexualidade relacionado à pessoa surda

O primeiro grupo, denominado “Educação, surdez e sexualidade”, nos traz os trabalhos que se aproximam por suas discussões na educação/escola junto aos estudantes surdos e as suas questões sobre sexualidade. As problemáticas que os autores apresentam se aproximam nos três trabalhos: Pedrosa (2010), Ribeiro (2011), Vedoato (2015).

De início, Pedrosa (2010) realizou sua pesquisa de mestrado em uma escola municipal de Juiz de fora, discutindo sobre surdez, sexualidade e discurso. Adotando como objetivo identificar como se dá o atravessamento discursivo a respeito da sexualidade e surdez dentro do espaço escolar e como se dá a construção do discurso sobre a diversidade. Usando como método a análise dos discursos dos estudantes e professores e analisando o Projeto Político Pedagógico - PPP da escola. Nos resultados da pesquisa, dois pontos que se destacam é que a preocupação com a escola é com a linguagem e conteúdos e o segundo é que há anulação dos temas pesquisados, pois não há uma

preocupação com a exploração dos temas e os estudantes recorrem aos núcleos familiares tendo poucas informações se tratando sexualidade.

Por sua vez, Ribeiro (2011) trouxe para sua pesquisa de doutorado dentro de uma escola inclusiva municipal de São Paulo - SP as discussões de sexualidade e gênero com jovens surdas. Iniciando seus objetivos, trouxe a investigação de como são as construções da sexualidade das estudantes e em qual posição a escola ocupava neste processo e a pouca informação que cerca essas garotas. Suas análises apresentam uma investigação de práticas e vivências das sexualidades com adolescentes surdas e alunas que usam a língua brasileira de sinais – LIBRAS como segunda língua.

O resultado dessa pesquisa traz as seguintes constatações: desinformação sobre o tema, mitos sexuais, inúmeras dúvidas. E um dos pontos é não ter nem um tipo de informação sobre doenças sexuais e suas prevenções. As informações todas em português e nem uma em Libras. Elas não possuem acesso a revistas, jornais ou internet e falta de tradutores/intérpretes da Libras em programas de TV.

Finalizando esse primeiro grupo de educação surdez e sexualidade, trazemos Vedoato (2015), com as discussões de surdez, gênero, raça e educação, analisando a relação sobre surdez, a condição gênero e raça no desenvolvimento de escolarização e estudantes surdos de uma escola Estadual do Paraná. Foram feitos levantamentos de dados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para a identificação das pessoas da sua pesquisa e na Educação Básica brasileira e paranaense, disponibilizada pelo INEP.

Com os dados avaliados identificou-se que os estudantes surdos, homens e brancos são mais promissores do que as discentes surdas, negras, pardas ou mulheres. Conclui-se que as escolarizações das mulheres surdas são mais instáveis e que, associadas às questões de gênero e raça, se intensifica na precariedade do desenvolvimento dessas mulheres surdas.

O segundo grupo, classificado por “Estudos linguísticos, diversidade e surdez” apresenta uma intervenção junto aos estudantes surdos e não surdos com as suas experiências e suas subjetividades a respeito das questões da diversidade sexual. Contamos com dois trabalhos: Abreu (2015) e Bisol (2008).

Para iniciarmos este grupo, falaremos de Abreu (2015) e de sua dissertação de mestrado, apresentando as discussões sobre língua,

homossexualidade e narrativas de pessoas surdas. Tendo como objetivo a análise das narrativas de adolescentes surdos homossexuais, a respeito das suas vivências sexuais e afetivas em uma construção linguística não hegemônica.

Dentro do percurso metodológico, o uso do materialismo histórico-dialético e a construção de suas narrativas em entrevistas pensadas para a pesquisa foi de suma importância para a coleta dos dados. A partir da participação de surdos que se identificam como homossexuais, de idade entre 20 e 26 anos, falantes da Libras, foram definidas duas categorias para os grupos analisados que são das narrativas sobre a primeira experiência sexual e a configuração (dramática) das trajetórias afetivas-sexuais de surdos LGBTQIAP+. As análises identificaram que as relações que os surdos tinham eram criadas e entendidas a partir de suas experiências com o outro e seus relacionamentos.

Bisol (2008), na sua pesquisa de doutorado, desenvolveu estudos sobre adolescência, sexualidade e surdez. As narrativas se destacam mais uma vez na compreensão das identidades entre pessoas surdas e ouvintes dominantes da Libras. Compreende a identificação dos sentidos por meio de curtas narrativas individuais sobre suas experiências sexuais. Analisando suas experiências compartilhadas, sobre sexualidade e sobre HIV/AIDS com um grupo de 42 participantes. Os resultados da pesquisa trazem consigo uma construção cultural do não entendimento sobre os assuntos de sexualidade e HIV/AIDS tanto no campo da pessoa surda quanto para os ouvintes.

O terceiro grupo apresenta os “Estudos Surdos”. Neste grupo, foi encontrado apenas um trabalho nos critérios de inclusão. Requer uma atenção pela importância dos Estudos Surdos que são apresentados no País.

Sobre a importância dos Estudos Surdos, iniciaremos com a educação bilíngue, uma proposta para a educação nas escolas de surdos nos anos 1970. Teve essa proposta para um ensino tanto na Língua de Sinais como primeira língua, tanto em português no caso aqui no País como segunda língua para os surdos.

Os Estudos Surdos vêm como um posicionamento político, cultural e identitário. Uma posição para derrubar o colonialismo, que demonizaram, mataram e calaram as pessoas surdas de seu lugar social. Segundo Garbe (2012, p. 96) no passado, “[...] a deficiência física era definida como algo

demonizado, julgado como uma punição, uma consequência de culpa. A deformação ou a falta produzia os segregados, marginalizados e discriminados” Os Estudos Surdos colocaram a pessoa surda como protagonista e idealizadora de suas pesquisas.

Com isso, Pereira (2019), na sua discussão de mestrado, traz as pesquisadoras surdas como destaque, pontuando gênero, surdez, mulher e pesquisa como norte de seu trabalho. Com o objetivo de criar um site para mulheres surdas dar visibilidade aos seus projetos acadêmicos e científicos no âmbito nacional e internacional, a pesquisa identificou que essas mulheres pesquisadoras mesmo com suas formações não tinham visibilidade e nem acesso ao mercado de trabalho. Sua pesquisa foi realizada por meio de entrevistas, também dando visibilidade ao site criado na pesquisa tanto para pessoas surdas como para ouvintes. Em resultado ao site produzido, a pesquisadora identificou uma aprovação de 80-90% pelo público avaliador.

O quarto e último grupo traz as “Representações sociais e imaginário sobre a surdez”, tem como centro as representações sociais e históricas sobre a pessoa surda, comunidade surda, gênero e sexualidade e os saberes que o outro tem sobre essas questões discutidas. Apresentamos as autoras: Müller (2017) e Guimarães (2019).

Por sua vez, Müller (2017), em sua pesquisa de doutorado traz a surdez, gênero, sexualidade e suas representações sociais. O seu trabalho com o bilinguismo, surdez e sexualidade, traz como objetivo uma investigação do imaginário social, das/dos profissionais de uma Escola Bilíngue do Sul do País, e suas perspectivas em relação aos temas centrais da sua pesquisa: surdez, gênero, sexualidade e reflexo no ensino-aprendizagem. Também se propõe analisar se as discentes surdas/os identificam suas relações com a temática que propuseram.

A pesquisa se entende como quali-quantitativa, produzida em duas fases: a primeira com um estudo de caso e entrevistas. Propondo a reflexão e observação das análises sobre os temas propostos pela pesquisa. A segunda parte foi desenvolvida através de um software através do qual realizou-se uma análise estatística dos questionários aplicados. Os resultados das pesquisas apresentam que os participantes acreditam na importância da Língua de Sinais, porém, os discentes usam pouquíssimo junto ao grupo família; que a escola é

um lugar em que se discute pouco sobre gênero e sexualidade; apresenta que existem indícios sobre o silenciamento no âmbito escolar sobre os temas sexualidade, gênero e diversidade. Com isso a autora escreve sobre a importância de uma educação inclusiva:

Constatamos que a diferença linguística é um fator importante e evidente nesta discussão. Contudo, tratando-se de uma escola bilíngue para surdos, os relatos de docentes evidenciam as dificuldades existentes para lidar com assuntos que caracterizam as diferenças humanas. Colaboram para tais obstáculos, a falta de formação acadêmica e o imaginário cultural historicamente construído. Neste sentido, as dificuldades não se fixam somente no espaço da escola bilíngue para surdos. Ao lançarmos um olhar para os estudos realizados neste campo, percebe-se que tais entraves se estendem para outras escolas e espaços sociais e educativos. É inegável e inevitável recomendar o planejamento de intervenções para que os profissionais da educação se sintam mais seguros para realizar um trabalho de promoção de inclusão e qualidade de vida para essas populações. (MÜLLER, p. 155).

Por conseguinte, Guimarães (2019) discute as representações sociais a respeito da sexualidade junto aos estudantes surdos em uma escola de ensino fundamental (9ª série) e ensino médio (1º, 2º e 3ª série). A pesquisa compreende as representações sociais a respeito de suas sexualidades e suas ações sobre essas compreensões. A autora fez uma revisão sistemática sobre as representações sociais em um período de 27 anos de 1990 a 2017 em bancos de dados científicos; em seguida outra revisão sistemática de 2000 a 2017 sobre sexualidade e surdez; e depois coletou amostras e entrevistas com 10 estudantes surdos do ensino fundamental e médio. A autora não deixa claro em qual escola foram feitas as pesquisas. A pesquisadora concluiu falando sobre a escassez dos estudos que se referem aos temas pesquisados sobre as representações sociais, surdez e sexualidade. A temática apresentada é pouco debatida no núcleo familiar.

Considerações sobre a revisão de literatura realizada

A análise das produções acadêmicas do banco de dados da CAPES sobre a temática gênero, sexualidade e pessoa surda permitiu identificar produções científicas relevantes e originais produzidas no âmbito da pós-graduação *stricto sensu* que, mesmo colaborando qualitativamente com a discussão e o estado da

arte sobre a temática, são representados por um número ainda incipiente ao se considerar o tempo e o volume total de estudos encontrados.

No contexto da leitura e interação com as discussões destas pesquisas, pude perceber que, a educação e os processos educativos demonstraram ser a temática mais evocada para tratar do tema. Em seguida, o reconhecimento da identidade e narrativas da pessoa surda e os imaginários sociais sobre esse público predomina ao se explorar gênero e sexualidade. Por fim, foi interessante observar o aparecimento de um viés teórico atual/novo - os Estudos Surdos - que se pautam na radicalização das críticas sobre as formas de pensar e discutir temáticas como a sexualidade e gênero da pessoa surda, que contribuem com estruturas cristalizadas de se tratar a temática.

Foi possível também perceber que a idéia de sexo, as relações de poder e a política do corpo são pontos de vista diferentes para a discussão da temática, ainda são fortes a relação com o corpo no que se preocupa no âmbito da saúde sexual, envolvendo por exemplo a prevenção de ISTs, mas que nesta pesquisa não iremos nos aprofundar, seguiremos nossas perguntas e objetivos de pesquisa.

A pesquisa bibliográfica tem como principais limitações aquelas inerentes à estrutura metodológica de uma revisão da literatura, que envolvem principalmente as dimensões de olhar, tanto no que se refere a dificuldade de estabelecer uma visão mais profunda sobre a temática, assim como a limitação na qualidade das construções no que se refere ao aprofundamento de demandas do meu próprio objeto de estudo.

Por fim, este estudo teórico inicial me ajudou a interagir e conhecer as discussões mais recentes e presentes na ciência envolvendo o recorte gênero, sexualidades e pessoa surda, trabalho este que considere relevante com o propósito de estabelecer o diálogo com o que se apresenta no campo científico.

Proposições para aprofundamento teórico na tecitura da dissertação

A rede teórica segue tecida no percurso da pesquisa. Considero, neste momento, a necessidade de indicar alguns autores que me ajudarão a dar suporte à pesquisa empírica, ter mais clareza nos procedimentos da pesquisa e

perspectiva metodológica e epistemológica e à ampliação do meu entendimento sobre esta relação sexualidade-diferença-educação.

Para dar suporte à reflexão sobre como se transformam modos de agir, pensar, perceber processos cognitivos, irei aprofundar a seguir meus estudos sobre a obra de Augusto Boal, com ênfase para o TO. E trarei a reflexão sobre o teatro como um modo de ação na linguagem, reflexão inspirada na Biologia do Conhecer e Amar e Humberto Maturana (2001), especialmente em torno dos conceitos: autopoiese, mudança estrutural contínua e conservação da organização quando estamos a lidar com grandes inquietudes no viver; processos de subjetivação e de exclusão da diferença.

Vale salientar que as leituras e reflexões possibilitam o encontro entre as palavras/teorias e a experiência, de modo a ir clareando para mim e para os participantes que situo como protagonistas da própria vida e da pesquisa, os modos próprios de fazer e de compreender as relações diversas vividas na dimensão do amor e da sexualidade.

O teatro como modo de agir na linguagem: reflexão a partir da leitura de Humberto Maturana e Francisco Varela

Os biólogos Maturana e Varela realizaram importantes estudos sobre os fenômenos perceptivos e colocaram em discussão como acontece esta relação entre o viver dos seres humanos e o que emerge como - realidade - aos nossos olhos como observadores. Constroem o conceito de autopoiese, importante em nossa pesquisa, ao fazeres esta explicação de que o viver dos seres vivos acontece em um contínuo processos de conservação e transformação de si mesmos. Ao se concentrarem em reflexões sobre a vida dos seres humanos, compreendem que todo o viver humano acontece em redes de conversações, em um contínuo entrelaçamento de linguagens e emoções.

Pudemos refletir, no percurso de formação do mestrado, que Humberto Maturana, em entrevistas realizadas nos últimos anos de sua vida, passa a ressaltar que as - condutas - e as coordenações de condutas, os fazeres verdadeiramente presentes no viver cotidiano, é que nos ajudam a compreender como estamos a construir as nossas formas de viver e conhecer. E o teatro aparece como uma possibilidade, modo de linguajar e de tornar perceptíveis

modos de viver as relações de gênero e sexualidade. A biologia do conhecer e a biologia cultural trazidas por Maturana nos permitem compreender que há movimentos e transformações possíveis no trabalho em que estamos a linguajar por meio do teatro na convivência com pessoas surdas em um contexto educacional. A vida humana acontece e se transforma ao agirmos na linguagem. O teatro é um modo de ação na linguagem, ação está sustentada por emoções que trazemos conosco.

3.3 LINGUAGENS QUE POTENCIALIZAM A EMERGÊNCIA DE SABERES NA EDUCAÇÃO

Teatro do oprimido de Augusto Boal

Como minha pesquisa integra as construções teatrais de Augusto Boal, neste momento, me dedico a conhecer e escrever sobre sua vida e ensinamentos que nos deixou.

Augusto Boal nasceu no Rio de Janeiro e foi um dos principais diretores de teatro e dramaturgo que criou uma nova forma no fazer teatral. Ele usava dos artifícios do teatro para apresentar os problemas sociais à população, na idéia de apresentar aos atores da sociedade os problemas enfrentados e poder ter uma consciência destes. Ao integrar a arte/teatro como artifício de protesto e de mudanças sociais, Boal tinha como objetivo de vida que todas as pessoas, principalmente as oprimidas socialmente, pudessem ser agentes que transgridem as ordens opressoras. Convidava comunidades a atuarem de modo que fossem criativos e críticos, pessoas artistas que, por sua vez, passavam a propagar a ação social cientes do necessário fazer cultural.

Como pude compreender, o autor desenvolve técnicas de teatro que colocam o espectador não mais como agente passivo, mas como aquele que interfere diretamente na cena, modificando o resultado da encenação. Por esse motivo, denominará a platéia não como “espectadores”, porque eles interferem diretamente no processo de criação (BOAL, 2009). O autor considera a todas/os como atores.

Acreditamos que a adaptação dos jogos de Boal pode favorecer a livre expressão dos participantes de minha pesquisa, pois vamos nos constituindo a

nós mesmos e formamos para o exercício da cidadania. Os atores participantes do teatro do oprimido, ao se depararem com determinado fato, como discentes podem interferir, refletir, defender o que acreditam ser necessário para romper com práticas opressoras.

Boal propõe esse encontro entre a apreciação da arte e da política, assim produzindo algumas obras importantes com muitas traduções para vários países, tendo em vista que Boal já tinha trabalhado com muitos artistas e grupos teatrais de inúmeros lugares do mundo. Ele produziu uma coleção de jogos e técnicas que, juntos, chamaria futuramente de TO (CANDA, 2012). Desta forma, assegurava que o teatro era um dos meios mais seguros de transformação social e afetiva e acreditava também que, com essa consciência transformadora, a formação de lideranças iria aparecendo para ser um agente multiplicador dessa libertação (CANDA, 2010, p. 41-42).

[...] a cultura emancipa o sujeito que, ao intervir no contexto social, também se transforma. Ao analisar que o opressor e o oprimido são frutos de uma construção social, situada historicamente, Boal intensificou esforços na democratização de uma arte que evidenciasse a necessidade de superação entre opressores e oprimidos. Ao defender o direito de todos à atividade artística, o que na época causou polêmica, pois a arte era vista como privilégio de poucos, Boal via a arte como grande ferramenta estética para a luta social.

A obra de Boal se desenvolve a partir das referências teóricas marxistas em que as obras de arte são um meio condutor para as discussões políticas, tendo em vista a ampliação dos saberes, através da compreensão de mundo que a arte tem o poder de proporcionar. Ele se posiciona através do teatro e afirma que o mesmo é político. Não havia espaço para a neutralidade, por isso que todos aqueles - artista ou não - que se põe nesse lugar de fazer arte assumem a responsabilidade de um posicionamento crítico, social e inclusivo, em oposição ao discurso que reforça a desigualdade social e opressão (CANDA, 2010, p. 42-43). Vásquez (1978, p. 15) nos apresenta que a experiência com a estética é uma forma de intervenção com a realidade vivenciada sem consciência crítica, discorrendo sobre a abordagem marxista:

Quando - com a aparição do marxismo - torna-se clara a perspectiva ideológica e social do processo transformador da sociedade, o artista que aspira ligar sua criação à causa revolucionária do proletariado

assume concretamente esta perspectiva e integra seu esforço criador no marco da revolução.

Assim, esta abordagem marxista sobre o TO eleva a obra de Boal e as técnicas desenvolvidas por ele como um artifício cuidadoso para a libertação social, um compromisso histórico e político incorporado por ele. Dessa forma, a mimese é identificada não apenas como uma reprodução, mas como um meio continuado dessa conscientização e libertação dos oprimidos (CANDA, 2010).

Augusto Boal, Paulo Freire, Humberto Maturana e Francisco Varela tem pontos de convergência em suas obras. Pude perceber que, com temas de estudos diferentes e percursos de vida, para todos estes autores a autonomia e a ação espontânea dos seres humanos no transcurso da experiência do viver são importantes. Boal convida todos a atuarem e abre espaço para o improvisado que fortalece a livre expressão no teatro. Paulo Freire chama a nossa atenção para a autonomia como essencial para a transformação de nossa sociedade e coloca a educação como uma prática de liberdade. E Maturana e Varela, com o conceito de autopoiese nos alertam para o viver que estamos a conservar em nossas condutas cotidianas.

A pesquisa recorta um entre tantos graves problemas presentes em nossa sociedade hoje. Estamos em cenários de brutalidades e de perda da dimensão amorosa que é constitutiva do viver dos seres humanos. Vamos então nos aproximando do momento de, criativamente, tecer o caminho que percorremos na pesquisa, nossa reflexão e esclarecimento sobre o método.

4. A CONSTRUÇÃO DO MÉTODO

A pesquisa que propomos realizar se trata de uma pesquisa-intervenção, de natureza qualitativa, com a finalidade de acessarmos os processos de conhecimento-subjetividade que compõem a experiência e reflexão de pessoas surdas sobre gênero e sexualidade, mediante o emprego de jogos teatrais inspirados na obra de Augusto Boal (1995).

Baseamos a opção do tipo de estudo em Maraschin (2004) e seu entendimento de que todo pesquisar é um modo de intervenção. Nesse sentido, pesquisar implica um fazer científico que se efetiva como coprodução e/ou coemergência que envolve três processos: o de construção do conhecimento, o de constituição de sujeitos e o de invenção de realidades. Esta pesquisa se caracteriza como pesquisa-intervenção porque vai criando formas de aproximação do fenômeno educativo e da experiência de pessoas surdas, quando convidadas ao jogo teatral e a livre expressão sobre como experienciam as questões de gênero e sexualidade.

A observação e discussão dos movimentos da cognição - gestos, idéias, emoções - em uma experiência é essencial na pesquisa que realizamos. Importante, ainda, ressaltar que acolhemos a perspectiva de que vamos nos transformando juntos na convivência, pesquisador e pessoas participantes da pesquisa, pois a cada instante do viver podemos promover mudanças nos modos de viver e de conhecer.

Ressalto de que não se trata de pesquisar *sobre*, mas de pesquisar *com* em uma experiência inventiva, um modo de pesquisar que nos desafiamos a realizar no espaço da pesquisa acadêmica. Este modo de pesquisar entendemos que caminha mais de acordo com as recentes compreensões da ciência sobre a não neutralidade do pesquisador que produz a si mesmo no entendimento de que se transforma quando envolvido verdadeiramente nos processos de convivência em domínios diversos. Aqui temos o domínio científico no qual conhecer é compreendido, conforme a Biologia do Conhecer de Humberto Maturana e Francisco Varela, como processo imbricado do processo de viver no cotidiano.

Os olhares são, no entanto, distintos, pois um pesquisador lança um olhar inquiridor, já traz à mão uma pergunta que partilha com os participantes

que têm a liberdade de acolher ou não. E, desde o aceite do convite, todos estarão em nossa pesquisa ao lado, a construir juntos um percurso de aprendizagens e transformações.

A invenção de uma questão/problema/pergunta que emerge da experiência do pesquisador é necessária e favorece a invenção de uma outra experiência – que aqui construímos como *um oficiar* – a pesquisa que fazemos com os sujeitos – pessoas surdas em um contexto da educação.

O caminho percorrido na construção de uma rede de sustentação teórica envolveu até aqui um conjunto de autores e merecerá aprofundamento por ocasião da dissertação. Seguirei, nesta direção, procurando construir criativamente o caminhar, metodologia e procedimentos a serem propostos no fazer da pesquisa.

A busca de compreensão sobre como por meio de jogos teatrais as pessoas surdas favorecem nosso entendimento sobre gênero e sexualidade requer o delineamento inicial de modos de pesquisar, para, estando com a pergunta da pesquisa nas mãos e os objetivos bem traçados, eu possa construir os melhores caminhos para a realização de um bom trabalho.

Chegamos então ao momento da invenção de um modo de observar os processos cognitivos e afetivos referidos à gênero e sexualidade na experiência do TO construída por pessoas surdas. Partimos para a proposição de oficinas de jogos teatrais e da organização de redes de conversações por meio da Libras. As pessoas surdas participantes estarão nos emprestando um tempo de suas vidas para este fazer, o tempo para as oficinas e para nossa convivência.

As oficinas entram na escrita neste momento, mesmo cientes de que estaremos abertos à reconstrução criativa, atentos às sugestões e às emergências, aos movimentos e fluxos que se fazem sempre presentes em redes de conversações que são os modos humanos de conviver. Nesse momento vamos estar atentos ao sentir.

Oficiar com os jogos teatrais de Augusto Boal (2009; 2019) tem como propósito trazer à reflexão inquietações e experiências do viver de pessoas surdas no que se refere aos temas gênero e sexualidade. E, na pesquisa, permitem observar processos, percepções, entendimentos em movimento de transformação. Boal (2009) apresenta a necessidade de sentir e mudar de

transformar a partir das sensações e vivências e a nossa potencialidade de mudar e hierarquizar as nossas emoções e idéias.

As inscrições produzidas no transcurso da experiência, nas ações coordenadas em contexto de oficinas nos trarão os elementos - autonarrativas, imagens, cenas da pesquisa - as concepções e entendimentos sobre gênero e sexualidade trazidas pelos participantes.

4.1 A INSTITUIÇÃO QUE ACOLHE O PROJETO DA PESQUISA E OS SUJEITOS DA PESQUISA: um convite às novas narrativas

Convido para participar da pesquisa pessoas surdas de diferentes idades (entre 17 anos e 50 anos) que estudam/frequentam ou fazem cursos no Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo - CAS - Mossoró. Fizemos um convite inicial para participar de uma vivência com o teatro de um percurso de oficinas de teatral com a temática gênero e sexualidade.

O local que escolhemos para a pesquisa é o CAS que funciona como um centro educacional de ensino não regular, criado com intuito de dar suporte pedagógico às escolas que tem estudantes surdos. Esses alunos não tinham o suporte necessário para a aprendizagem nas escolas em geral, em nossa comunidade lhes eram tirados o direito ao ensino e à aprendizagem da sua própria língua, impulsionando a criação dos CAS:

O Programa de Implantação dos CAS foi elaborado a partir da necessidade de atender às necessidades educacionais de alunos e promover suporte pedagógico aos professores de todos os estados brasileiros de forma a viabilizar a inclusão escolar, o atendimento educacional especializado, o acompanhamento, orientações aos professores e melhor oportunidade de desenvolvimento educacional. Assim, a meta era aumentar o atendimento em 50% em 2008, e chegar a 100% dos estudantes surdos ou com deficiência auditiva matriculados na educação básica (BRASIL, 2008. p. 10).

O CAS promove o atendimento educacional especializado para a pessoa surda, para o desenvolvimento deste estudante e que tenham mais rendimento no ensino regular, também é promovido cursos de formação para professores e profissionais da educação, com a produção de material didático bilíngue Libras e Português, além de acompanhar e avaliar os estudantes.

As pessoas surdas convidadas a participarem da pesquisa foram esclarecidas quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos dos quais foram convidados a participar e, ainda, sobre possíveis riscos que possam advir de tal participação, ficando garantido na pesquisa e no TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -, o direito de retirar o consentimento e/ou desistir da participação em qualquer momento.

Dimensão ética e os procedimentos da pesquisa

Início neste tópico a apresentação dos aspectos éticos que acolhem e que orientam os métodos da pesquisa. Tomamos como premissas as orientações e definições definidas pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), que atende à RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012 e a RESOLUÇÃO Nº 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016, do Conselho Nacional de Saúde, acreditando que tem como objetivo para mim e os pesquisadores em geral atentar para o necessário cuidado e atenção com nossas ações junto aos sujeitos participantes que colaboram com o trabalho de produção científica.

Dessa forma, nos termos da pesquisa, entendemos que a ética percorre pelos cuidados de todos os processos desenvolvidos, primeiramente no cuidar com as subjetividades de cada participante, sua integridade, liberdade, proteção e, ainda, com a produção desses novos conhecimentos apresentados na pesquisa, estes podem contribuir para a formação de uma ciência ética, que se importa em contribuir com a comunidade acadêmica e com a sociedade como um todo.

Importante ressaltar que A leitura do OFÍCIO CIRCULAR Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS foi realizada e está explicitado ao longo da pesquisa as ações/procedimentos realizados para a proteção da integridade e o bem-estar dos participantes, assim como a proteção dos materiais que serão construídos no desenvolvimento da pesquisa.

Esta referência à dimensão ética na pesquisa é muito importante para mim, pois na perspectiva da Biologia do Conhecer e Amar que aprendi na leitura de Maturana, pesquisar vai muito além de buscar atingir produções científicas. Nos alegramos com as construções que trazem alegrias para nós mesmos e para as coletividades com as quais interagimos. Pesquisar é um modo de

promover mudanças na experiência da educação e em nossas próprias vidas. Romper com o patriarcado e com o pensar cartesiano implica a aprendizagem da colaboração e da amorosidade nas práticas concretas que realizamos.

Garantias e informações

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) da pesquisa é uma das exigências do Comitê de Ética em Pesquisa, onde indicamos os itens requeridos pela RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012, explicitados no capítulo IV, a saber, os conhecimentos e garantias necessários aos participantes da pesquisa, tais como: a justificativa, os objetivos e os procedimentos da pesquisa; os possíveis desconfortos e riscos resultantes da participação na pesquisa, além dos proveitos e benefícios que esperamos possibilitar aos participantes e à comunidade em geral. Ressaltamos, ainda no capítulo IV, as formas e condutas construídas para evitar ou reduzir os efeitos ou condições adversas da pesquisa. Outrossim, garantimos a anuência da instituição para realização da pesquisa.

Importante esclarecer que as/os participantes da pesquisa são voluntários, de modo que foram informados e puderam sentir-se à vontade para aceitar ou recusar o convite, participar das oficinas de criação teatral ou, ainda, deixar de participar a qualquer tempo das oficinas, sem risco algum de prejuízos ou penalidade.

Após a aprovação do projeto no Comitê de Ética, passamos a compor o convite para a participação na pesquisa. Este foi feito, considerando os seguintes procedimentos de pesquisa:

Apresentação do projeto em Libras cujo conteúdo foi apresentar a pesquisa com detalhamento e destaque especial para a dimensão ética da pesquisa e etapas propostas para sua realização.

A importância de deixar todas as participantes e a instituição cientes de todos os procedimentos, para que tudo ocorresse de uma forma clara e transparente. O convite foi feito para todos inclusive para os pais que estavam presentes e abrimos espaço para perguntas e diálogos sobre a pesquisa caso houvesse alguma dúvida, momento necessário para que todos estivessem cientes para participar da pesquisa ou não.

Este momento de conversação e encontro, sobre os procedimentos propostos é necessário para que os convidados conhecessem a proposta da pesquisa o modo como será realizada, através dos jogos teatrais e temas a serem desenvolvidos.

Respeitamos e protegemos a vida como pesquisadores, portanto, acolhemos os protocolos indicados pela Organização Mundial de Saúde e pelo Ministério da Saúde, no mesmo tempo em que acompanhamos as orientações e avanços das ciências da saúde que nos orientam no enfrentamento da pandemia.

Como pesquisador, compreendo que a melhor forma de cuidar uns dos outros é respeitando o distanciamento social. Cabe ressaltar que no mesmo encontro foi apresentada toda a proporção da pesquisa tema, seus objetos, o modo como o pesquisador convida os participantes a trazerem suas vivências por meio do teatro, o período proposto para sua realização e a periodicidade dos encontros sugerida. O pesquisador estará atento as nossas sugestões e novas reconstruções possíveis neste diálogo com os sujeitos convidados. E, após o esclarecimento de dúvidas e questionamentos, cada convidado pode livremente acolher a pesquisa ou manifestar que não deseja estar presente.

Assim, todos que estavam presentes escolheram participar e assim recolhemos as assinaturas TCLE e assim, foram introduzidos na pesquisa. As sete que estavam presentes assinaram, mas foram cinco estudantes que participou da pesquisa.

Quanto às garantias de compromisso explícito por parte dos responsáveis pelo estudo, ressaltamos que ficamos à disposição dos participantes da pesquisa para qualquer esclarecimento durante todo processo de desenvolvimento deste estudo, e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa pode ser esclarecida diretamente com o pesquisador Felipe Andrade Saldanha, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), do Estado do Rio Grande do Norte/RN, Campus Mossoró, Rua Francisco Mota Bairro, 572 -Pres. Costa e Silva, Mossoró - RN, 59625-900, Tel. (85) 99926-2444, e-mail felipe.saldanha@alunos ufersa.edu.br

Para manter o sigilo e a proteção dos/as participantes, garantimos respeitar a confidencialidade de todas encontros/oficinas e somente o pesquisador - Felipe Andrade Saldanha pode participar dos momentos de

oficinas e momentos sensíveis aos participantes, junto a sua professora orientadora - Karla Rosane do Amaral Demoly pode interferir e guardar as informações, sendo garantido o sigilo das informações em qualquer etapa da pesquisa e por ocasião de publicação dos resultados, em atendimento a Resolução CNS nº 466/12 e Resolução CNS nº 510/16.

Referente ao compromisso de guarda de dados, os encontros foram feitos na instituição e foram gravados, e os arquivos em mídia contendo uma parte das oficinas e as autonarrativas das pessoas surdas, todo esse conteúdo gravado foi de inteira responsabilidade do pesquisador Felipe Andrade Saldanha e de sua professora orientadora Karla Rosane do Amaral Demoly, e foi armazenados na plataforma Google Drive no endereço de e-mail institucional ao qual apenas o pesquisador terá acesso, o endereço eletrônico de felipe.saldanha@alunos.ufersa.edu.br, guardados por no mínimo 5 (cinco) anos, também sob a responsabilidade do pesquisador e professora. Após este período informado, todas as informações serão excluídas com o objetivo de assegurar aos participantes.

Por fim, garantimos que o TCLE contém a declaração do pesquisador responsável que expresse o cumprimento das exigências contidas no item IV 3 da Resolução CNS nº 466/12 e foi elaborado em duas vias, rubricado e assinado por cada participante da pesquisa e pelo pesquisador responsável, sendo uma das vias devolvida dos participantes colaboradores da pesquisa, digitalizada por e-mail- ou pessoalmente, se os participantes preferirem, conforme data para entrega previamente combinada entre ambas as partes. O referido TCLE foi aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa para o qual este projeto seja apresentado e a pesquisa foi iniciada após a sua devida aprovação no referido Comitê (Sistema CEP-CONEP).

Critérios de inclusão

O foco da pesquisa é uma experiência de teatro com estudantes surdos, sete estudantes sendo seis mulheres e um homem que estavam na sala e que manifestaram interesse após o encontro, no qual tomaram conhecimento e foram esclarecidos quanto ao conteúdo, metodologia e procedimentos da pesquisa. Como critérios para receberem o convite e poderem definir pelo interesse em

participar ou não, está o fato de que a pesquisa inclui alunos que estão em formação no ensino básico, pois queremos saber quais são seus entendimentos sobre suas questões de gênero e sexualidade.

Escolhemos trabalhar com os alunos do CAS – Mossoró, pois é um lugar onde encontramos alunos de todas as idades, a instituição promove a arte e trabalha a sensibilidade dos alunos. Portanto, as idades dos sete participantes poderão variar de 17 a 50 anos.

Com essa pesquisa, apresentamos os sujeitos mais importantes, os participantes. Convidei os sujeitos surdos, sendo os surdos que têm como primeira língua a LIBRAS, são alunos do CAS – Mossoró e que se identificam de trabalhar com as artes na escola e que estejam abertos a conhecer mais sobre suas autonarrativas e suas percepções sobre gênero e sexualidade.

Os envolvidos nesta pesquisa foram sete estudantes porque compreendo que no máximo sete é um número importante para a minha pesquisa, tanto para a colheita das autonarrativas e as traduções de libras para o português, quanto para montar uma performance final no último dia de encontro.

Crítérios de exclusão

Nessa pesquisa não convidamos estudantes ouvintes, devido ao recorte do estudo tratar de pessoas surdas. Outro critério importante é que não realizamos a pesquisa com docentes, familiares ou funcionários da instituição CAS.

Riscos, benefícios e modos de proteção e cuidados na pesquisa

Quanto às ações de cuidado e proteção devido ao contexto da crise sanitária que, mesmo após a vacinação de todos os envolvidos na pesquisa, ainda acontece em nosso planeta, tomamos as seguintes providências e cuidados: uso de máscara e higienização das mãos com álcool gel, além de procurar manter distanciamento sempre que possível. Mas por alguns momentos a máscara foi retirada pois as pessoas surdas usam a Libras e com isso é uma língua gesto-visual.

Quanto às garantias de indenização e de ressarcimento, afirmamos que se houvesse, para os/as participantes, gasto de qualquer natureza, em virtude da sua participação neste estudo, é garantido o direito à indenização ou ao ressarcimento de eventuais danos ou despesas em decorrência da pesquisa, com forma de ressarcimento/indenização a ser combinada entre a pesquisadora e a participante da pesquisa.

Informamos que os/as participantes da pesquisa não seriam gratificadas/os, de forma nenhuma, por sua participação na pesquisa. Os resultados apresentados fazem parte do nosso trabalho e, ao final, serão divulgados aos estudantes surdos e todos na instituição participante da pesquisa, podendo também ser publicados em eventos científicos, capítulos de livros e revistas nacionais ou internacionais, com os devidos créditos aos autores.

Quanto aos possíveis desconfortos e riscos decorrentes do percurso e participação na pesquisa, pensamos inicialmente que os riscos mínimos que cada participante da pesquisa estará exposto são: constrangimento, ansiedade, tristeza, raiva e outros sentimentos que poderão surgir no percurso das oficinas teatrais e das autonarrativas.

No que se refere à apresentação das providências e cautelas que procuramos tomar para evitar e reduzir efeitos e condições adversas que pudessem causar dano, considerando características e contexto da participante da pesquisa, atendendo ao que define a Resolução CNS nº 510/16 como risco a "[...] possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural do ser humano, em qualquer etapa da pesquisa e dela decorrente", informamos que nos comprometemos em atentar para que os/as participantes se sentissem confortáveis e encontrassem na pesquisa espaço para a escuta sensível das experiências, no intuito de garantir as suas integridades física e psicológica.

Benefícios da pesquisa para a comunidade acadêmica e científica

Um dos benefícios desta pesquisa foi a possibilidade de dar livre expressão às experiências e emoções das pessoas surdas, sujeitos que, via de regra, costumam ser silenciados pela falta de comunicação com o mundo ouvintista e dos falantes. A comunidade de pessoas surdas se percebe, privada

da liberdade do acesso à cultura e novos saberes por falta de profissionais que estejam dispostos a compartilhar seus conhecimentos com a comunidade surda.

Propor uma troca de experiência ao falar sobre suas questões de gênero e suas sexualidades configura-se, portanto, como momento singular nos processos do viver e aprender. Além disso, outro benefício da realização desta pesquisa foi a possibilidade de contribuir com o desencadear de processos de transformação do entendimento da comunidade, apresentando relevantes temáticas como a questão de gênero e sexualidade com as pessoas surdas, a partir do conhecimento construído nos jogos teatrais.

Por fim, esta pesquisa pode ampliar o nosso entendimento sobre como as pessoas surdas vivenciam suas questões de gênero e sexualidade através do teatro. Dessa forma, este trabalho poderá apresentar possibilidades de caminhos a serem percorridos por professores, diretores, auxiliares ou qualquer pessoa que queira discutir gênero e sexualidade junto a pessoa surda, sendo assim, esta pesquisa abrirá espaços para todas as possibilidades da livre reflexão criativa.

4.2 A CONSTRUÇÃO E PISTAS DO MÉTODO - o percurso comentado

O método que empregamos na pesquisa foi vivido como um percurso de produção inventiva no qual procuramos identificar mudanças cognitivas em um percurso de produção e de invenção de pessoas surdas no contexto da educação. Buscamos inspiração no método do percurso comentado originalmente proposto por Jean Paul Thibaud (2002) e, no Brasil, empregado por Regina Cohen para reflexão sobre transformações na percepção de sujeitos com deficiências ao percorrerem espaços das cidades.

Para observar e nos aproximar das percepções e entendimentos das pessoas surdas sobre gênero e sexualidade, foram propostas oficinas de jogos teatrais, fazendo disparar construções sobre as temáticas, como: gênero e sexualidade e, dentro dessas duas temáticas criamos possibilidades para compreender como emergem perguntas e vamos trabalhar com as questões voltadas para a mulher e as LGBTQIAP+.

É importante ressaltar que na pesquisa temos uma experiência e contexto sobre como podemos fazer referência e quando queremos

verdadeiramente nos transformar juntos. Mas não se trata de *ir a campo* para coletar dados, quando o que se busca é a observação e análise de processos cognitivos que emergem de uma experiência. As oficinas disparam, convidam para uma construção e vivência de jogos teatrais. E pode acontecer de se transformarem no operar dos sujeitos da pesquisa. A ênfase neste método de pesquisar está no fazer dos sujeitos, pois o fazer/criar acontecem mediante diferentes modos de linguajar. A expressão “linguajar” tomamos emprestada de Humberto Maturana. Para este autor significa “coordenar coordenações de fazeres no fluir espontâneo do conviver” (MATURANA, 2002, p. 130-131)

O campo empírico se organiza nas escritas dos diários de campo do pesquisador, no registro videográfico mediante a gravação de filmagens dos diferentes momentos da experiência, na transcrição das redes de conversação que aconteceram durante o percurso das oficinas.

O percurso de produção inventiva vai definindo o caminho e permite observar produções em um período de oficinas e invenções com as pessoas surdas participantes. O pesquisador busca estar atento, neste encontro com modos de ver, sentir, conhecer-viver, as questões de gênero e sexualidade que se atualizam em todo o percurso. Dessa forma, temos todo um processo de anotações nos diários de campo do pesquisador e, no fazer dos participantes, imagens e narrativas em Libras produzidas e contadas em vídeo - gestos visuais, idéias e emoções em transformação na experiência.

O método, na experiência educativa, pode favorecer escritas de um percurso dos participantes que produzem juntos algo, experiência esta que nos permite observar as interações e construções referidas à gênero e sexualidade no contexto educacional.

4.3 O OFICINAR DE PESSOAS SURDAS E OS JOGOS TEATRAIS PARA A REFLEXÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

Neste estudo o pesquisador está imerso no desenrolar da pesquisa e se propõe a uma experiência que envolve processos de viver/conviver/observar que congruentemente transformam sujeitos-meio-pesquisador. Entendemos as oficinas como dispositivos de aprendizagem que nos ajudam no trabalho quando

pretendemos entender as mudanças nos processos que configuram o aprender e que lançam desafios à ciência:

Nas oficinas, o pesquisador-observador constitui alguns mapas das rotinas de criação e produção dos fazeres-saberes da pesquisa. O espaço de oficiar constitui-se como uma experiência com linguagens e tecnologias variadas que – ao aliar o desejo de inventar formas diferenciadas com distintos materiais de expressão – potencializa o processo de problematização acerca do que está sendo produzido na oficina (GORCZEWSKI; GOIS, 2013, p. 124)

Dessa forma, as oficinas são espaços coletivos de fazer juntos, de construir conhecimento-subjetividade de forma cooperativa com os outros. Não se trata mais, como já vivido nos campos da educação e da psicologia, de irmos até um coletivo ou comunidades para ensinar algo. Uma oficina pode ser pensada como uma tecnologia que dispara construções criativas e transformações no operar de todas/os as/os envolvidas/os, incluindo nestas transformações, nós mesmos como pesquisadoras/os.

Dessa forma, as oficinas do TO têm a proposta de problematizar as vivências dos sujeitos, a realidade que nos rodeias, assim, só é possível com o disposto a desenvolver esta ação, nas trocas harmônicas de cognição, seja dos problemas que tem em torno da sua comunidade, seja seus conflitos pessoais. Ter o olhar para o outro nas conexões do dia a dia, apresenta a esse indivíduo a impotência que representa na construção dos saberes coletivo, praticando o processo de “fazer junto”, um caminho a ser trabalhado e trilhado por todos. Assim, Gallo (2008), uma educação pensada pelo outro. E pensar que o termo “pelo outro” não estar ligado nas relações de usar o outro apenas como objeto, mas trabalhar com ele, pondo como protagonistas esses sujeitos. Acreditamos que ensino aprendizagem é desenvolvida por todos.

O TO é um movimento, uma prática, uma maneira de fazer teatro. Além de ser um espaço de encontro e de discussão de temas de ordem política, de análise do presente para uma mudança da realidade, ou seja, um encontro entre arte e vida, é também um instrumento de análise de opressões internalizadas do próprio praticante. (CHIARI, 2016, p. 100)

O teatro é um método que entendemos potente para oportunizar aos sujeitos participantes da pesquisa a livre expressão de seus modos de compreensão das relações de gênero e sexualidades. No percurso de Augusto Boal sabemos que, por meio do teatro, se fortalece a dimensão de nossas ações como seres humanos na dimensão política. Outros recortes se fazem presentes, as dimensões cognitivas e subjetiva que se orna perceptível nas oficinas, apresentações artísticas, performance, entre muitas outras formas humanas de tecer linguagens, vida e conhecimento. Trazer a consciência do ser oprimido e fomentar processos de libertação foi o legado de Augusto Boal, um autor de grande importância para nós.

4.4 OFICINAS DE JOGOS TEATRAIS

Neste tópico vamos trazer as oficinas propostas já indicando no próprio escrever como estas ações foram acontecendo na pesquisa. Para cada percurso, fomos nos colocando perguntas que interagem com a pergunta central da pesquisa, numa busca de ampliar nosso olhar como observadores de um fenômeno que nos inquieta, isto desde a própria experiência, como está indicado em minha autonarrativa. Nossa pergunta disparadora para a construção destes jogos foi: compreender como as pessoas surdas, no contexto de uma experiência educativa com o TO.

A proposta sempre será o emprego da Libras que é a primeira língua dos sujeitos de minha pesquisa. Esta diferença na metodologia da pesquisa já coloca a necessidade da realização de procedimentos, como: filmagem, recortes de ações - narrativas, imagens - de modos de coordenar condutas no linguajar - por meio das quais os participantes trazem suas formas de fazer, conhecer, viver as relações de gênero e sexualidades na educação e, por fim, fazer a transcrição da Libras para o português e refletir sobre as transformações que emergem no oficiar.

Percurso de produção inventiva 01: *Quem sou Eu? Minha autonarrativa - Meu entendimento sobre gênero e sexualidade.*

Nesta oficina, meu propósito foi conhecer os participantes e compreender quais são os seus saberes sobre gênero e sexualidade. As autonarrativas iniciais foram filmadas (a proposta envolve o uso da Libras).

Iniciamos a oficina com uma conversa sobre quem somos, trouxe uma pequena fala sobre autoconhecimento para poder ouvir e compreender como elas se sentiam em suas questões de gênero e sexualidade.

Durante essa minha pequena fala emergiram algumas frases juntos as alunas. Nesse primeiro dia de oficina foram cinco mulheres. Lancei perguntas disparadoras, como:

- Quem sou? - Como me entendo/compreendo como mulher? - Como me compreendo como mulher Surda?

Percurso de produção inventiva 02: *Uma criação coletiva - O encontro com a pluralidade de saberes.*

As participantes foram convidadas a contar uma história narrada em conjunto, uma criação feita por elas, a partir das suas narrativas de vida e aproximando do primeiro jogo. Elas estavam em um semicírculo uma participante iniciava a história e a outra iria continuando, assim seria até chegar na última pessoa que iria concluir a construção dessa narrativa.

A construção dessa história começa pelos temas que já havíamos falado desde o primeiro encontro. A proposta é aproximar cada vez mais o tema gênero e sexualidade das participantes e observar as mudanças de suas narrativas através dos jogos.

Percurso de produção inventiva 03: *Que sou Eu II? A pluralidade de gêneros e sexualidade - O que é ser...*

As participantes foram convidadas no dia a participar do momento de se expressar onde poderá apresentar várias palavras/sinais sobre gênero e sexualidade. Para a compreensão do jogo, farei no início perguntas que ampliam o pensar sobre gênero e sexualidade.

Como é para você o viver como mulher? o que é o viver como lésbica? o que é o viver como gay?

Dentro da fala das participantes tivemos o tempo da escuta e acolhimento de cada um e compartilhar conhecimentos na troca de saberes dando continuidade ao que começamos no jogo anterior. O intuito do jogo teatral é identificar quais são seus saberes sobre cada uma dessas perguntas, assim temos a proposição de uma ação que se modifica nos jogos teatrais até a identificação da pergunta COMO ME TORNO cada uma delas. E ainda dentro do tempo pedimos para que cada um criasse uma imagem com seus corpos dentro daquilo que foi compreendido dentro deste momento.

Percorso de produção inventiva 04: *Quem sou III? Jogo Imagem/Mosaico - Vou me declarar!*

No último encontro pedi para que as escrevessem em um papel frases sobre suas vivências e experiências de ser mulher surda e de como elas se sentiam. No encontro as participantes foram convidadas a participar do *Teatro Imagem*, elas iriam apresentar através dos seus corpos e das suas expressões corporais as frases feitas por elas.

Abrimos o espaço em formado de teatro arena, e cada participante ia para frente e apresentava com seu corpo suas narrativas. Uma depois outro, no final as duas que criava uma narrativa em imagem através dos seus textos. Junto as imagens feitas pelas participantes outra pessoa fotografa a construção da narrativa feita através das imagens e com isso, a partir de agora chamo essa parte de *Jogo Mosaico*.

Percorso de produção inventiva 5: O que tenho a dizer/criar - As mãos que conhecem e multiplicam saberes.

As participantes foram convidadas a falar sobre seu processo nas oficinas e propor um novo olhar sobre seus corpos. Foi uma criação coletiva onde puderam sentir e criar. Convidadas a elaborar uma performance para apresentar no último encontro. O tema será proposto pelos colaboradores da pesquisa e a temática será gênero e sexualidade.

Destacamos algumas das ferramentas que são importantes na abordagem que adotamos na pesquisa, estas se colocam como materialidades

e tecnologias que potencializam a experiência tão valiosa de narrar, de trazermos nossas vivências, inquietudes, observações sobre como vivemos e sobre como conhecemos.

Elas tiveram um tempo a sós para elaborar o que elas queriam compor, optaram por fazer três momentos, um jogo teatral, um esquete e em seguida uma performance através de imagem onde fizemos juntos.

No primeiro momento, foi proposto por elas o *Jogo Espelhamento*, a sala estava no escuro com um datashow/projeto apontado para frente de duas cadeiras, duas participantes já estavam sentadas em cena e elas teriam que fazer o mesmo movimento que a outra estava propondo igual a um espelho.

Percurso de produção inventiva 6: Quem sou eu, quem somos nós. Minha Autonarrativa.

As participantes foram convidadas a apresentar a última autonarrativa sobre seus entendimentos a respeito de gênero e sexualidade dentro nas oficinas que trabalhamos juntos. Como foi para cada uma delas a construção das oficinas com os temas e como foram as suas transformações.

Elas estão livre para falar e se expressar sobre quem são elas, quem são essas mulheres surdas, qual o seu modo viver e sentir, estas autonarrativas tem como objetivo trabalhar o sentir das transformações e afecções.

Após esclarecermos sobre o percurso que integra o caminho trilhado como procedimentos da pesquisa e todo este detalhamento das oficinas construídas com os participantes, nos dedicamos a todo um trabalho com o material empírico, lida esta importante para organizarmos os materiais da pesquisa. Após todo um trabalho de leitura e transcrição de vídeos, chegamos à experiência direta que as pessoas surdas puderam, generosamente, construir para nosso trabalho de pesquisa.

Trouxemos as construções criativas realizadas pelos participantes da pesquisa e buscamos ampliar a nossa reflexão sobre o tema gênero, sexualidade na experiência de pessoas surdas em contextos educacional. Antes destacaremos algumas das ferramentas que são importantes na abordagem que adotamos na pesquisa, estas se colocam como materialidades e tecnologias que

potencializam a experiência tão valiosa de narrar, de trazermos nossas vivências, inquietudes, observações sobre como vivemos e sobre como conhecemos.

4.5 FERRAMENTAS DO PESQUISADOR E AS SUAS AÇÕES NO PERCURSO COMENTADO

O diário de campo do pesquisador permite uma ação importante na pesquisa que é o de escrever no percurso de modo a compor os diferentes momentos da pesquisa. A escrita como ação sobre si mesmo e sobre o mundo é discutida nos estudos de Jack Goody (2007); Béatrice Fraenkel (2011); Demoly (2008). Ela fixa um instante do viver em redes de conversações. As imagens fotográficas que produzimos ao focar algo também congelam instantes do viver em redes de conversações. Observar o ato de escrever e o que dele emerge e observar imagens fotografadas ou imagens que recordamos são todas ações potentes para observar e nos darmos conta do que acontece na experiência humana.

Aqui nos referimos ao diário de campo do pesquisador, ação linguajante que fazemos na forma da escrita. E numa experiência com pessoas surdas, a escrita se dá sobre uma experiência observada e, após as oficinas, sobre a observação e todo um tratamento sobre vídeos gravados.

Durante as oficinas, lançamos um olhar observador e buscamos perceber os fazeres na interação dos participantes. Após as oficinas temos, os vídeos que são de grande valia para a construção das autonarrativas dos participantes.

Após as oficinas, porque todas são filmadas, quando temos o trabalho de assistir as filmagens e comentar, novamente no diário de campo, como observamos neste novo momento de retomada das escritas, o que aconteceu. Conforme Maturana, somos capazes de uma ação de 3ª ordem na linguagem, observar o próprio observar e identificar diferenças entre uma experiência de escrita – a escrita no diário durante as oficinas - e uma outra experiência, que aconteceu em tempo diferente, mais adiante no viver – a reescrita no diário considerando a leitura do que se mostra nas cenas filmadas das oficinas.

A escolha da performance final ficou a critério dos estudantes, são os estudantes que vão decidir o que querem apresentar. Como pesquisador, eu me

coloco como facilitador, com a idéia de que são os estudantes surdos os protagonistas nesse momento.

As oficinas foram ministradas todas em LIBRAS, na primeira língua dos participantes e segunda língua do mestrando pesquisador.

4.6 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS ADOTADOS NA OBSERVAÇÃO E DISCUSSÃO DAS CONSTRUÇÕES CRIATIVAS DOS PARTICIPANTES

A pesquisa que acontece na perspectiva da auto-organização e da biologia do conhecer toma como pistas importantes acompanhar os percursos criativos nos quais os participantes vão transformando modos de entender e de viver estas que para mim são questões centrais na experiência, como as relações de gênero e sexualidade.

O percurso comentado e os jogos teatrais fortalecem a dimensão do devir humano nos processos no qual interage com o meio, com os outros, com os objetos e vai conservando o viver que quer conservar. Por vezes estes processos são absolutamente autônomos, como o coração que bate sem que nada façamos - autopoiese - mas por sermos seres linguajantes, podemos aprender colocando em cena nossos repertórios humanos para realizar a livre reflexão que é necessária na ampliação do entendimento sobre como vivemos nas dimensões de gênero e sexualidade, como conhecemos estas questões e por que vivemos como vivemos e conhecemos como conhecemos.

O pesquisador, ao acolher acompanhar os fluxos e os devires nos quais os participantes e o pesquisador se transformam no campo interdisciplinar das sociais e das humanidades, seguirá o fluxo dos acontecimentos, se dedicará na observação atenta de imagens, idéias, emoções em movimento, para explicar mudanças que emergem nos atos criativos em curso na pesquisa intervenção.

Quando o que buscamos é identificar e explicar mudanças cognitivas, o que fazemos é marcar as inquietudes, as perguntas que os sujeitos participantes se colocam e as mudanças nas idéias, nos gestos, nas emoções referidas à gênero e à sexualidade. E estas serão lidas e interpretadas na observação do que se produz com os jogos teatrais.

Cabe ao pesquisador a atenção e a escuta sensíveis, os registros e transcrições nos quais reúne o material a ser refletido em sua pesquisa. Ao

escolher esse método para minha pesquisa busco uma análise mais ampla, onde estarei a acompanhar os processos, as ações e percepções dos participantes que se modificam no percurso dos jogos teatrais, compartilhando um processo inventivo de reconstrução dos modos de perceber, viver e conhecer suas vivências e idéias sobre gênero e sexualidade.

Inspirados na Biologia do Conhecer de Humberto Maturana, temos quatro procedimentos básicos nas ações do pesquisador.

Em primeiro lugar, há a definição do contexto e mesmo o fenômeno que escolhe pesquisar. Portanto, fazemos a descrição do fenômeno que acontece em meio a uma busca de maior aproximação com a experiência. E eis que emerge o contexto e a percepção inicial que o pesquisador traz sobre como vivemos a experiência humana quando o que nos colocamos como questão são as questões de gênero e sexualidade.

Em um segundo momento, há o trabalho de fazer a distinção do fenômeno, quando estabelecemos a explicação que trazemos à mão de que as pessoas surdas estão imersas em uma cultura patriarcal, autoritária e violenta em relação à diversidade de modos de viver o afeto e a sexualidade, o que poderá aparecer nas suas criações teatrais.

Em um terceiro momento, fazemos maior aproximação, o que no caso da presente pesquisa na qual empregamos pista do percurso comentado de seguir processos e estar ao lado dos participantes, o que implicou na transcrição de autonarrativas colhidas na forma de filmagens, marcações das perguntas que os participantes se fazem ao vivenciarem a experiência dos jogos teatrais.

Como marcamos os movimentos recursivos de transformação em uma experiência no Teatro do Oprimido?

O entendimento de que a vida humana se transforma na composição de redes de conversações e que estas se tecem no entrelaçamento de linguagens e emoções nos permitem potencializar a pesquisa e marcar - gestos, idéias, emoções - que, como pesquisadores, observamos na experiência da pesquisa intervenção, atentando para diferentes momentos da experiência mediante a observação e análise de como - gestos, idéias, emoções - se transformam ao longo das oficinas de jogos teatrais, experiência importante no percurso de conhecer e viver.

Deste modo, buscamos compreender de modo mais amplo como os sujeitos experimentam processos de construção referidos à gênero e sexualidade por meio das experiências oportunizadas na pesquisa intervenção interdisciplinar.

5. JOGOS TEATRAIS, GÊNERO E SEXUALIDADE NA EXPERIÊNCIA DE PESSOAS SURDAS: aprendizagens e reflexões

Neste momento da minha escrita, eu faço um movimento de retomada da pergunta central do estudo que é: como as pessoas surdas se entendem e compreendem suas questões de gênero e sexualidade, e como os jogos teatrais podem fazer essas buscas no viver destas pessoas.

O propósito do trabalho é compreender como pessoas surdas, no contexto de uma experiência educativa com o TO, expressam e modificam suas percepções e entendimentos sobre gênero e sexualidade. Como caminho de pesquisa, busquei acompanhar o percurso e cartografar mudanças nos processos cognitivos - gestos, cenas, ideias/entendimentos, emoções, referidos às relações de gênero e sexualidade na experiência dos/as participantes da pesquisa;

Passarei a narrar na forma escrita a experiência da pesquisa na qual fui acompanhando marcadores que emergiam - as imagens e autonarrativas - como recorrentes no percurso do viver a sexualidade e no contexto da experiência dos participantes com os jogos teatrais do TO.

Procurei ativar a minha atenção para poder observar e tecer reflexões sobre as construções dos participantes sobre gênero e sexualidade que emergem no percurso de realização dos jogos teatrais.

Passo a apresentar minhas experiências de pesquisa vivenciadas no CAS, desde o primeiro encontro com a gestão para a apresentação do projeto, passando pelas oficinas teatrais, até chegar o momento em que foi possível trazer as reflexões das discussões propostas sobre gênero e sexualidades vividas pelas pessoas surdas.

Início está escrita pelas conversas que tivemos com a gestora, necessária quando queremos estar em uma instituição na qual um gestor é o responsável pelo que ali acontece e alguns apontamentos que são importantes para esta pesquisa. Chamarei estes encontros iniciais com a gestão como - aproximações - do contexto no qual se dá a pesquisa.

Aproximação do campo empírico 01. No dia 25/04/2022 fiz a apresentação do projeto para a gestão do CAS, explicando sobre o que trata a pesquisa, quais os temas a serem abordados e qual o foco da pesquisa. No

primeiro momento, as gestoras trouxeram algumas dúvidas e preocupações a respeito do tema que iríamos desenvolver com os/as estudantes sobre gênero e sexualidade. O questionamento feito estava embasado em compreender a pesquisa para caso os pais viessem a questionar sobre algo a gestação já estaria ciente para intermediar um diálogo.

Houve a solicitação de que uma professora da escola pudesse acompanhar as oficinas, o que me trouxe certas inquietudes, buscando compreender o significado desta solicitação. Pudemos conversar e refletir de que talvez o tema pudesse provocar movimentos na escola e preocupações. Optamos por conversar, pois o diálogo, como nos ensina Paulo Freire (2010), é sempre um bom caminho. Pudemos acolher este movimento no fazer da pesquisa, então teríamos os participantes surdos e uma professora que estaria conosco na construção da experiência.

Aproximação do campo empírico 02. O segundo contato foi feito no dia 27/04/2022 via (WhatsApp) para pedidos de documentos assinaturas, como a solicitação do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, autorização feita pelo Programa de Pós-Graduação em Cognição, Tecnologias e Instituições - PPGCTI (que já tinha sido enviado), pediu o “plano de aula” que iria aplicar com os alunos e o projeto de pesquisa que tinha passado pelo comitê de ética. A diretora da escola afirma que são protocolos exigidos por eles a todos que chegam para fazer estágios ou desenvolver pesquisa de mestrado e doutorado que precisam compartilhar seus propósitos, o que compreendemos e socializamos. Neste segundo encontro com a gestão da instituição educativa, as preocupações aparentes eram de resguardo dos estudantes e do pesquisador em relação à pesquisa, as preocupações eram para que eles estivessem por dentro de tudo o que acontece e nós buscamos compreender, já que respondem pelo trabalho realizado ali na instituição.

Eu como mestrando em formação e pesquisador concedi toda a documentação exigida, deixando de fora o projeto de pesquisa do mestrado e os jogos teatrais construídos por mim, pois é uma escrita autoral e ainda não publicada, estava resguardando a minha construção de autoria feita por mim e pela minha orientadora Professora Karla Demoly.

Encontros 03 e 04 foram realizados na mesma da 02/05/2022, respectivamente. Início da pesquisa em sala de aula com os alunos, a

coordenação me apresentou a professora que iria me acompanhar em sala de aula, ela iria me auxiliar no que eu precisasse com os alunos. Em outro momento a gestão me pediu para que eu incluísse a professora no grupo do WhatsApp para caso houvesse alguma necessidade ou tirasse as dúvidas com os estudantes.

Encontro 05. Este momento foi feito no dia 16/05/2022, quando agradei a oportunidade de desenvolver a minha pesquisa no CAS e perguntei se estava tudo bem com o projeto na escola e se algum pai ou estudante teria reclamado de algo, se algum momento teve algum desconforto. A gestora narrou que estava tudo ocorrendo muito bem e comentou sobre alguns problemas que tiveram no passado com estagiários e pesquisadores, por isso a exigência. Esclareceram que eu não me preocupasse, pois não tinha nada a ver com a minha temática.

Este recorte da minha experiência de pesquisa é muito importante, pois podemos, ao não estabelecer espaços de conversações, já considerar que todo questionamento se relaciona com preconceitos relacionados ao tema - gênero, sexualidades, diferença -, quando podem estar envolvidos outras questões mais singulares do viver-fazer a educação. Foi o momento de eu mesmo me transformar e poder ampliar o olhar sobre o tema e seus cruzamentos com o que acontece nas relações cotidianas.

Pude também compartilhar na orientação com professora Karla, reconfigurando o antes imaginado como possibilidade de procedimento de pesquisa. E acolhemos a solicitação da presença de uma professora durante as oficinas. Compreendemos que seria abrir caminhos e possibilidades para que a minha inquietude, pergunta e objetivos fossem partilhados com uma professora da escola, o que nos pareceu potente, a disparar movimentos e transformações na convivência.

A professora que ficou na sala de aula, sempre foi muito solícita, convidei para participar dos nossos momentos em roda e quando precisei de ajuda com sinais, palavras e interpretações em Libras, ela acolheu e ajudou com muito cuidado, sempre com muita ética e profissionalismo. Então eu percebi algo que posso retomar e refletir, cruzando com minha autonarrativa inicial, com os momentos em que estudante eu me via a sofrer com as condutas preconceituosas nas escolas. Há sim movimentos de transformações importantes que já acontecem nas relações que envolvem as diferenças de

gênero e as sexualidades, uma pesquisa constrói possibilidades de encontros, construções, mudanças cognitivas e afetivas no viver fazer cotidiano. Amar, acolher, cuidar são condutas a aprender em nossa própria experiência e convivência nos ambientes da educação.

Seguindo, chamarei neste segundo momento de “Encontro 01” quando faço a apresentação do projeto com os alunos em sala de aula, e em seguida chamarei “Oficina” cada uma das oficinas de teatro que construí inicialmente elaborei e apliquei com as participantes.

Encontro 01. Primeiro momento com os estudantes.

Os estudantes são divididos no CAS por turmas e por idades. De acordo com meu projeto de pesquisa a coordenação me sugeriu uma turma, pois a idade era compatível ao que propus a trabalhar com pessoas acima de 17 anos. Fiz inicialmente neste coletivo de participantes a apresentação do projeto e expliquei os documentos que integram os critérios éticos da pesquisa. Esclareci sobre o que é o Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, direito de imagem, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE. As estudantes perguntaram sempre que uma palavra não era compreendida nos escritos. Depois de responder todas as dúvidas, perguntei se alguém queria participar e todas as 7 (sete) estudantes que estavam presentes se propuseram estarem comigo nas oficinas, tínhamos na sala apenas uma estudante menor de idade, isto porque dia específico que fui para esse primeiro encontro era dia de reunião dos responsáveis e perguntei se a aluna queria falar com a mãe, já que ela estava na escola. (a professora que estava comigo na sala, saiu e convidou a mãe das duas alunas do projeto a participarem da explicação dos termos). As mães receberam o projeto com atitudes e expressões bonitas, envolvia muito afeto, o que me deixou feliz e mais tranquilo no seguir o curso do fazer. Também percebi a atenção e acolhida dos/as estudantes e neste mesmo dia todos assinaram os documentos necessários.

O cuidado neste estabelecimento de relações com aqueles que nos emprestam seus momentos para a pesquisa é para mim muito importante. Ao irmos até uma instituição com o propósito de realizar uma pesquisa intervenção e, na medida em que não mais estaremos lá após o término da pesquisa, nos parece necessário atentar para o fato de que não lá estamos para avaliar o que se passa e o que lá acontece relacionado ao nosso tema e questão. É a

perspectiva de transformação em congruência, tem que ver também com uma dimensão ética e estética do pesquisar que envolve uma lida com a gente mesmo.

Dessa forma, deixamos de apontar o dedo para o que está lá fora e de acusar os problemas que vemos e nos colocamos em um espaço onde é possível a conversação. Sobre este - lidar -, Nise da Silveira, importante psiquiatra brasileira tanto trabalhou, as emoções de lidar e de transformar, o que começa e segue no trabalho sobre si mesmo para, deste modo, também promover possibilidades de transformações neste nosso mundo tão violento em relação a tantas questões, mundo este que está em guerra atualmente, e são muitas as guerras. Amar, colaborar, acolher modos de viver as relações de gênero e de sexualidades, como estas questões são vividas na experiência nossa e das pessoas surdas em um contexto educacional.

Nesse mesmo encontro, eu estava sentado, organizando minhas coisas para sair quando me deparo com duas participantes da pesquisa conversando. Irei narrar exatamente como aconteceu, usando nomes fictícios, porém além dos nomes que vou usar para me referir a elas também vou chamá-las de “Personagem”. Eis que acontece uma conversa e eu fico a observar entre duas estudantes:

A Personagem Maria: Você gosta de meninas, né?

A Personagem Rosa: Sim, gosto! Na verdade, eu me sinto uma mulher por fora e um homem por dentro, gosto de usar maquiagem, batom, mas por dentro me sinto um homem (Autonarrativa de ROSA, 02/05/2022)

A personagem Maria:

Eu sou mulher e gosto de homem, mas todos acham que sou lésbica, pelo meu jeito durona, forte e eu brinco muito, por isso as pessoas pensam que sou lésbica, mas eu não sou, gosto de homem. Eu sou assim e quero ser respeitada do jeito que sou (Autonarrativa MARIA, 02/05/2022)

Observei essa conversa por alguns minutos, e achando muito sensível ver o posicionamento dessas duas estudantes, prestando atenção deste lugar social que elas se encontravam, pude perceber que ela estavam se colocando, sem nenhum medo de falar sobre si. Neste exato momento percebo e me alegro com

a potência da minha pesquisa, sinto que o campo traz uma sensibilidade real às nossas emoções e ao que idealizamos trabalhar.

5.1 OFICINAR COM O TEATRO PARA COMPREENDER COMO ACONTECEM AS EXPERIÊNCIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE DE PESSOAS SURDAS NA EDUCAÇÃO: um momento de afeto e afecções nas transformações do viver

Oficina 01 - **Percurso de produção inventiva:** *Quem sou Eu? Minha autonarrativa - Meu entendimento sobre gênero e sexualidade.*

Nesta oficina, meu propósito foi conhecer os participantes e compreender quais são os seus saberes sobre gênero e sexualidade. As autonarrativas iniciais foram filmadas (a proposta envolve o uso da Libras).

Iniciamos a oficina com uma conversa sobre quem somos, trouxe uma pequena fala sobre autoconhecimento para poder ouvir e compreender como elas se sentiam em suas questões de gênero e sexualidade.

Durante essa minha pequena fala emergiram algumas frases juntos as alunas. Nesse primeiro dia de oficina foram cinco mulheres. Lancei perguntas disparadoras, como:

- Quem sou? - Como me entendo/compreendo como mulher? - Como me compreendo como mulher Surda?

Iniciamos com a **Personagem Rosa** que traz uma breve narrativa através das perguntas que foram lançadas.

Eu sou uma pessoa que gosto de tudo. Em casa sou reservada, isolada e falo pouco. Em casa sou apenas a Rosa surda, não escuto (Rosa usa aparelho auditivo e diz que em casa faz questão de não ouvir nada), já aqui no CAS escuto com meu aparelho e faço uso da Libras. É uma mistura de dois mundos de ouvir e de ser surda completamente. Antes não era fácil, eu não falava com ninguém, era apenas eu no meu próprio mundo (antes de saber falar em libras e antes de estar inserida na instituição que faz parte hoje). Quando eu era mais jovem, me sentia apenas como uma mulher, mas eu sentia que precisava mudar, isso também não me fazia bem, eu não me sentia apenas uma mulher. Por fora eu era uma mulher, por dentro me sentia como um homem. Antes eu era fria e dura, muito séria, depois que me abri a mente sou mais tranquila e leve, me sinto em paz. (Autonarrativa de Rosa, 09/05/2022).

Rosa traz marcas em sua apresentação. Refere-se ao modo como é vista na sua família e assinala a ausência da audição: “em casa sou apenas a Rosa surda, não escuto”. Destaca que interage e se movimenta entre dois mundos pela ausência ou pela presença de audição. Ao referir inicialmente neste encontro ao sentir-se mulher e ao sentir-se homem, Rosa sinaliza de que também experimenta estes movimentos dentro de si e que “depois de abrir a mente sou mais tranquila”.

A narrativa de Rosa favorece nossa reflexão sobre esta possibilidade de que, no espaço cotidiano da educação, se possa narrar, linguajar e, assim, nos compreendermos mutuamente em modos diferenciados de viver a experiência afetiva, as relações de gênero e sexualidade.

Em seguida, a **Personagem Maria** fala sobre sua vivência de ser mulher surda.

Eu antes era uma mulher sozinha (se referindo de quando estudava no ensino médio), tímida, as pessoas não falavam comigo por ser uma pessoa surda, ficava no intervalo da escola sempre com vergonha e medo, pois as pessoas me xingavam, tanto na escola quanto em casa eu era uma menina calada, mesmo assim, ninguém falava/comunicava comigo. Algumas pessoas me perguntavam como eu estava, eu abria um sorriso e dizia que estava tudo bem, porém não estava, eu sentia uma angústia no meu peito, uma dor, antes de dormir me minha na cabeça tantas perguntas, tantos questionamentos, lembrava das pessoas me excluindo na escola e ficava muito triste, mas eu preferia não dizer nada já que ninguém iria me entender. Eu não gostava de mim, não gostava de ser uma mulher surda. Quando entrei no CAS fiquei muito feliz, eu passei a ter amigos, conversar em Libras, passei a ter autoestima, me sentir mais leve e em paz. Eu me senti uma mulher mais forte. (Autonarrativa de Maria, 09/05/2022).

Dessa forma, Rosa é uma personagem sensível desse ser feminino, porém, apresenta uma força na sua fala e nas suas expressões, que suas idéias de vida são muito maiores do que aparenta ser, uma buscadora de conhecimento e possibilidades.

Nossa terceira participante é a **Personagem Rosália que narra:**

[...] como mulher me sinto só, fico triste por ser assim, em casa sempre sozinha, não tenho amigos para conversar, me sinto envergonhada por ser uma mulher surda. Fico sempre só e de cabeça baixa. Antes as pessoas eram preconceituosas comigo, me tratavam mal e eu não podia falar nada. Sempre pedia para aprender Libras, pedia ajuda para me comunicar, entrei no CAS, comecei aprender Libras, comecei a estudar e hoje eu amo a Libras, sou feliz. (Autonarrativa de Rosália, 09/05/2022).

A solidão de uma mulher surda, por vezes esquecida pela comunicação família, ou por grupos, a falta de comunicação em Libras, no faz pensar não apenas na importância de saber uma língua, mas de incluir outras pessoas que estão ao lado, seja nas refeições em família, seja no dia a dia na escola, ou ainda nos demais espaços da vida cotidiana em sociedade.

Emerge na pesquisa a dimensão da educação inclusiva. Pensar e propor modos de acolhimento e de observar as mudanças relacionadas à gênero e à sexualidade na experiência de pessoas surdas é tema que traz os diferentes movimentos e processos de promoção da inclusão educativa. O que vivenciamos hoje no mundo nos faz refletir sobre as transformações que verdadeiramente já realizamos e, mais especialmente, quando olhamos para o lado, até mesmo na universidade, e percebemos a ausência de pessoas surdas, ou mesmo cegas, ou ainda as marcas da diferença que tem que ver com a existência humana, as relações de gênero e as diferentes formas de viver o amor e a sexualidade. Há tanto ainda a avançar e transformar. As narrativas também nos trazem estas lidas em nosso viver cotidiano.

Seguindo com nossas **Personagens Graça** se apresenta e narra:

Eu antes não sabia Libras e sofria bastante, pois não sabia como me comunicar. Passei a aprender e ter contato com a Libras aqui no CAS, estudando muito, quando entrei aqui já mais velhas que os outros, passei a estudar muito, era difícil, mas eu queria muito me comunicar com outras pessoas, eu sofri muito, hoje estou mais feliz, porém ainda tenho algumas oscilações de tristezas.
(Autonarrativa de Graça, 09/05/2022).

As vivências de Graça, nos mostra as adaptações de vida, uma jovem senhora, mãe, com suas vulnerabilidades, mas com muita vontade de aprender e se desenvolver como pessoa. Essa personagem marcante por sua trajetória e desafios nos apresenta a subjetividade de cada uma dessas mulheres, onde mostramos o viver de cada uma.

Graça traz também nesta sua primeira narrativa suas vivências relacionadas à interação, o que nos permite perceber este desejo de ampliar a convivência em sociedade. Este movimento e as inquietudes que o acompanham são importantes, talvez já emergindo como diferença na vida

cotidiana, há inquietudes e urgência em transformações, de modo a nos sentirmos que estamos juntos, surdos e não surdos na sociedade para trabalharmos a inclusão que precisamos.

A **Personagem Deusa**, faz uma breve narrativa sobre suas experiências:

Eu antes era muito triste, não falava com ninguém, as pessoas me chamavam de burra e por isso não passava de ano na escola, me falaram na escola que pelo fato de ser surda eu não tinha capacidade de passar de ano (ela se emociona), tento esquecer o que passou (sorrindo). Sempre fui muito feliz aqui no CAS, me sinto bem aqui e na outra instituição onde estudo, é tudo diferente, sou acolhida e tenho uma ótima aprendizagem.
(Autonarrativa de Deusa, 09/05/2022).

Pude observar que Deusa se emociona a todo momento, ela opta em não falar mais, pois já estava em lágrimas.

O que compreendo é que todas as estudantes que estavam na sala tinham o desejo de se expressar, falar, se comunicar, elas se afetam uns com as outras e conseguem se transformar ao falar e ao ver as suas colegas falando sobre suas vivências. Emoções estão presentes nas narrativas das participantes, - “triste ou acolhida”, todas se emocionaram ao falar sobre suas vidas e pudemos perceber que as criações teatrais as fortaleciam e possibilitavam o lidar com as próprias emoções, transformando-as.

Oficina 02 - Percurso de produção inventiva: Uma criação coletiva - *O encontro com a pluralidade de saberes.*

As participantes foram convidadas a contar uma história narrada em conjunto, uma criação feita por elas, a partir das suas narrativas de vida e aproximando do primeiro jogo. Elas estavam em um semicírculo uma participante iniciava a história e a outra iria continuar, assim seria até chegar na última pessoa que iria concluir a construção dessa narrativa.

A construção dessa história começa pelos temas que já havíamos falado desde o primeiro encontro. A proposta é aproximar cada vez mais o tema gênero e sexualidade das participantes e observar as mudanças cognitivas de suas narrativas através dos jogos.

Personagem Rosália inicia o jogo: “Quando eu era criança adorava brincar de esconde-esconde, de bola e boneca também, brincava no meio da rua com as outras crianças”.

Personagem Maria: “E quando chegava as férias eu ia para a casa da minha avó e era bem divertido brincar com os meus primos”.

Personagem Rosa: “Durante o dia, nadava no rio e anoite me maquiava com a minha prima”.

Personagem Deusa: Depois de passar o dia brincando e aproveitando tudo era a hora de comer aquela comidinha da vovó e dormir.

- Neste primeiro momento no dia 16/05/2022 quando apresentei o jogo “uma criação coletiva”, percebi que as participantes estavam tendo dificuldade de compreender sobre a proposta, na verdade estava usando o tema do jogo para explicar e não traduzi o tema para a Língua Brasileira de Sinais, foi quando a professora que estava na sala comigo falou em Libras “história grupo” e assim as participantes tiveram a compreensão melhor sobre o jogo.

Porém, eu senti que o jogo não foi potente, isso porque não houve uma dinâmica para esse jogo. Foi interessante pela construção da narrativa baseada na infância e na pluralidade das brincadeiras. A narrativa dessas cinco participantes estava presente em ser crianças e não em ser meninas ou meninos. Puderam vivenciar suas felicidades. Mas queria explorar mais as narrativas e buscar uma aproximação maior sobre suas vivências e o que mais elas poderiam nos acrescentar sobre elas. Uma pesquisa também se faz com os momentos que entendemos como - não deram certo-, especialmente em se tratando de pesquisa qualitativa que envolve a relação direta com coletivos. E esta circunstância tem relação com o improviso, a espontaneidade do teatro, onde cada um encara e pode deslocar para o campo de seus desejos naquele instante. Entendo que coube a mim seguir o fluxo das construções para retomar a reflexão e a proposta em um momento seguinte.

Convidei as **Personagens Rosa e Maria** para um outro jogo, construir uma narrativa em conjuntas, assim propor para as participantes uma nova dinâmica do jogo, com algumas nuances. As outras participantes ficaram como espectadoras e no final iriam contribuir comentando as narrativas produzidas por essas duas personagens.

A proposta era, uma iria começar uma história, sem que a outra soubesse o tema e eu iria entrar no jogo teatral pausando quando achasse que fosse necessário e em seguida a outra participante começaria usando o mesmo sinal/palavra e dando sequência espontaneamente à construção dessa história,

depois de umas duas ou três pausas elas começam o diálogo. O improviso e o fluir de ações integram a proposição do TO de Augusto Boal que aqui trazemos como orientação e suporte para o fazer da pesquisa.

O jogo que foi construído traz uma narrativa sobre duas amigas que falavam sobre roupas, cabelos e maquiagens e sobre o quanto era incrível ser mulher. Elas tiveram uma construção desse jogo muito coeso, **Rosa** estava dentro e interconectava com a história da **Maria**, o mesmo sinal que uma terminava, a participante já começava em seguida, ficou muito bonito de ver a narrativa das duas personagens.

Os jogos começaram a gerar formas e, com isso, eu pedi para que elas propusessem um terceiro jogo para aquele dia, fazendo que elas estivessem dentro desse projeto não só como participantes que iriam ser observadas, mas como autoras também. Todo o tempo procurei ter este cuidado e atenção, de que as participantes eram coautoras da pesquisa, de que estavam ali a construir um percurso juntamente com o pesquisador.

Para concluir este terceiro momento, as participantes propuseram que abrissem o espaço, ficaram três de um lado e duas de outro, o espaço central seria o local de apresentação. Uma iria a frente e iniciava uma história, em seguida outra entrava e aconteceria um diálogo, quando a terceira entrasse umas das duas que já estava teria que se despedir e sair e assim até a última das participantes entrar, mas no final depois que a quinta participante já tivesse entrado todas iriam entrar e finalizar com as cinco em cena.

Do jeito que elas tinham proposto a fazer, fizeram! A construção dessa narrativa em conjunto foi gerada por amigas, solteiras se encontrando para ir a uma balada, uma festa onde todas querias se divertir e que não queriam saber de outra coisa a não ser se divertir com as amigas, eram muitos elogios umas para com as outras, exaltando a beleza e o poder feminino, o final quando a quinta participante chega todas entram e começam a dançar. Construíram gestos, se abraçaram e sorriram, terminando por se darem as mãos e com o gesto de agradecer à platéia. De muitas formas, essas mulheres têm vivenciado e lidado com as próprias emoções, ao mesmo em que me emocionavam, para além da pesquisa. Viver é conhecer e conhecer é viver, como indica Humberto Maturana. Pude experimentar o pesquisar integrado ao meu viver, eu me transformava junto com o coletivo participante da pesquisa.

Oficina 03 - **Percurso de produção inventiva:** *Que sou Eu II? A pluralidade de gêneros e sexualidade - O que é ser...*

As participantes foram convidadas no dia 23/05/2022 a participar do momento de se expressar onde poderá apresentar várias palavras/sinais sobre gênero e sexualidade. Para a compreensão do jogo, farei no início perguntas que ampliam o pensar sobre gênero e sexualidade.

Como é para você o viver como mulher? o que é o viver como lésbica? o que é o viver como gay?

Dentro da fala das participantes tivemos o tempo da escuta e acolhimento de cada um e compartilhar conhecimentos na troca de saberes dando continuidade ao que começamos no jogo anterior. O intuito do jogo teatral é identificar quais são seus saberes sobre cada uma dessas perguntas, assim temos a proposição de uma ação que se modifica nos jogos teatrais até a identificação da pergunta COMO ME TORNO cada uma delas. E ainda dentro do tempo pedimos para que cada um criasse uma imagem como seus corpos dentro daquilo que foi compreendido dentro deste momento.

Como só foram três participantes neste dia, ficamos em um pequeno semicírculo, onde todos pudessem se ver mais de perto. Comecei perguntando se todas estavam se sentindo bem, se queriam continuar a pesquisa, se tinha alguma coisa que estava incomodando e a resposta foi que todas estavam gostando. Falaram sobre o teatro, o quanto elas gostavam de sentir e se emocionar estando ali.

Depois de fazer as perguntas norteadoras sobre o que é viver como cada umas das propostas dos jogos abri espaço para que as participantes construíssem uma narrativa ali mesmo, vou destacar a narrativa da **Personagem Rosa**, carregada de emoções das suas vivências e sua subjetividade:

Só um momento, estou um pouco emocionada. Vou começar quando eu tinha 18 anos, eu não me percebia como mulher e sim como homem, gosto muito de roupas masculinas, tenho várias blusas grandes, eu quero muito mudar e ser um homem de verdade, mas qual os problemas dessa mudança? Minha família não me aceitaria nunca como homem, não é fácil, dói muito. Eu já perguntei a minha mãe se eu fosse lésbica o que ela diria, mas antes mesmo dela responder eu disse que todos nós somos humanos e merecemos respeito, ela

apenas se assustou com a pergunta e disse que não! Eu tenho muitos amigos gays e minha família não gosta que eu saia com elas. Tem apenas um que eles respeitam, pois conversei bastante e consegui que minha mãe respeitasse (Autonarrativa de Rosa, 23/05/2022).

Desde o início do jogo, **Personagem Rosa** sempre emocionada, com lágrimas nos olhos e voz embargada (**Rosa** é oralizada, mesmo usando a Libras como primeira língua ela vai falando em português). Em meio a sua narrativa ela apresentar o viver como “homem por dentro” e pedi para que ela me explicasse melhor sobre esse sentir.

Por dentro me sinto como homem, forte, um pouco grosso, cara fechada, sério. Um dia minha mãe falou mal de um amigo gay e eu falei bem sério e firme “para, respeita ele”, ela olhou pra mim e disse que eu falei igual a um macho. Minha família é muito machista, mas no futuro quero poder me vestir como homem e ser livre, quero me sentir livre, e quando eu namorar, seja com homem ou com mulher e vou levar em casa e quero ser aceita e respeitada (Autonarrativa de Rosa, 23/05/2022).

Ela finaliza a fala chorando bastante, muito emocionada e todas as participantes também, Rosa fala sobre as dificuldades familiar e diz que o lugar onde ela se sente bem é dentro da instituição CAS, pois lá se sente acolhida, ela ainda comentou sobre ter depressão e ansiedade, indica o uso de medicações.

O emocionar da dor em construirmos relações nas quais o modo de viver o afeto e a sexualidade não é acolhido, quando se mostra na diferença em relação aos padrões indicados em nossa história, na qual emergiu a cultura patriarcal: homem/mulher, frágil/forte, poder/submissão. Podemos refletir que vivemos um contexto no qual estabelecer o diálogo, a escuta, a compreensão, ao mesmo tempo em que podemos disparar questões, torna-se muito importante. Na cultura aprendemos a cristalizar formas de sentir e perceber o que acontece e estas formas por vezes estão a negar a legitimidade da presença da outra e/ou do outro, na diferença. E, assim, Maturana explica, nomeia a conduta do “amar”. Inspirado em seus ensinamentos, posso dizer que o autor nos esclarece de que - amar é con-viver de modo a respeitar a legitimidade da presença do outro/da outra na diferença, de modo que este/a tenha lugar em nosso mundo, seja acolhido/a. A conduta do diálogo nos situa em um novo momento também na história das lutas sociais relacionadas à gênero e sexualidades, talvez um deslocamento necessário nestes tempos de guerra e brutalidades, quando

passamos na ação cotidiana muito mais a agir e afirmar pelo próprio fazer o que queremos conservar. Temos lutado muito contra as formas de opressão. Talvez um deslocamento importante seja construir as formas de amorosidade, respeito, implicação consigo mesmo/a e com os outros/as outras, no viver cotidiano.

Cada personagem faz disparar em mim reflexões, emoções do lidar com nossos afetos, a beleza da pesquisa, a beleza da reflexão.

As **Personagens Rosa e Rosália** se apresentam nessa narrativa de formas muito acolhedoras e com empatia, falando sobre respeito, afirmam que o princípio de tudo é a empatia e respeito pelo próximo sem distinção de classe, raça ou gêneros. E **Rosália** reafirma seu lugar “ser uma mulher surda é ter força de não desistir e nem soltar a mão de ninguém. Sempre ressaltando o respeito ao próximo”.

Neste último jogo podemos apontar alguns dos nossos objetivos que propomos anteriormente, a elaboração dos jogos, tanto no jogo proposto por mim como facilitador desta ação quanto a construção e elaboração a partir das participantes, a construção coletiva, a coautoria vem para fincar os pés nesse lugar de protagonismo do sujeito surdo. É preciso destacar que a crescente dos objetivos tem se firmado a cada encontro, tecendo reflexões sobre os temas trabalhado sobre gênero e sexualidade.

Oficina 04 - **Percurso de produção inventiva: Quem sou III? Jogo Imagem/Mosaico - Vou me declarar!**

No último encontro pedi para que as escrevessem em um papel frases sobre suas vivências e experiências de ser mulher surda e de como elas se sentiam. No encontro do dia 30/05/2022 as participantes foram convidadas a participar do *Teatro Imagem*, elas iriam apresentar através dos seus corpos e das suas expressões corporais as frases feitas por elas.

Abrimos o espaço em formato de teatro arena, e cada participante ia para frente e apresentava com seu corpo suas narrativas. Uma depois outro, no final as duas que criava uma narrativa em imagem através dos seus textos. Junto as imagens feitas pelas participantes outra pessoa fotografava a construção da narrativa feita através das imagens e com isso, a partir de agora chamo essa parte de *Jogo Mosaico*.

Iniciamos o nosso jogo pelas frases feitas pelas participantes elas foram convidadas a sinalizar as frases para o grupo primeiro em formato de semicírculo, em seguida apresentar através do *Jogo Mosaico*, nossa primeira participante foi a **Personagem***⁴:

Sou corajosa, embora esteja enfrentado tempos difíceis;
 Está tudo bem em não estar bem;
 Eu sou minha melhor amiga;
 Se eu consigo mudar meus pensamentos consigo mudar qualquer coisa; (Autonarrativa*, 30/05/2022)
 A cura é um processo e faço questão de dedicar tempo a ela quando estou passando por uma situação frustrante de angústia.

Figura 01: Jogo Mosaico: a liberdade do viver.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2022).

A **Personagem***, traz para a sua construção no *Jogo Mosaico* a ideia de liberdade e de se libertar, a consciência do oprimido sobre sua existência e a sua autonomia. A participante sempre se coloca no lugar de: emancipação, autodeterminação, vivenciar com infinitude do que estar dentro dela.

⁴ Usarei um asterisco no nome das participantes quando for usar as imagens delas, para que seja resguardadas e que os nomes fictícios não façam referências as imagens.

Percebendo nossos objetivos de pesquisa, gestos, cenas, ideias e entendimentos. As cenas construídas por nossa personagem ficam cada vez mais potentes quando suas emoções são colocadas em cena. Suas ideias e entendimentos sobre seus entendimentos e suas transformações. As imagens que emergem do viver e são colocadas através do seu corpo como atriz.

Estas imagens trazem o emocional referido na autonarrativa, coragem. Os corpos linguajantes entram em cena no teatro e a alegria dos encontros faz com que o coletivo nutra seus universos emocionais, se fortaleça na própria reflexão coletiva. Aqui retomo o que pude construir ao longo do mestrado, a dimensão coletiva dos estudos da cognição, a biologia do conhecer me ajuda a refletir sobre esta relação entre cada um de nós, os outros e o mundo que vamos conservando com nossas ações.

Em seguida convidamos a nossa segunda participante a **Personagem**** para a sua composição, ela optou por escrever um pequeno texto sobre ela e é apresentado para as participantes presentes e denominou o seu texto com o título “História positiva”:

Está difícil, não é? Mas está difícil para muita gente e nem adianta ficar de cara feia, amarrada, sofrendo com o que não tem solução ou que não depende você. Quer melhorar? Coloca um sorriso no seu rosto, veste sua melhor roupa, passa aquele batom vermelho que tanto você gosta se olhe no espelho e veja o quanto você é linda e que você é de verdade. Precisa mudar seus pensamentos, amanhã será um novo dia, viva o hoje, um dia de cada vez e seja feliz, você merece. (Autonarrativa**, 30/05/2022)

Figura 02: Jogo Mosaico: viver a mulher surda.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2022).

A representatividade da mulher surda onde ela se coloca na posição de prioridade, sendo quem ela é, mostrando a força resistência na sua trajetória, empatia é uma das palavras mais repetidas por ela.

Nesse terceiro momento as **Personagem*** e **Personagem****, fizeram juntas o *Jogo Mosaico*, elas tiveram um tempo para pensar e compor este momento. Irei narrar, pois elas preferiram que este momento seja contado o que elas produziram.

Contamos a história de uma mãe e uma filha, a filha estava muito triste, pois ninguém gostava dela por ser surda, a mãe chega abraça a filha em um ato de amor, a mãe diz que ela é livre para ter o mundo e não se importar com quem não gosta dela. A vida tem que ser vivenciada com quem amamos, somos amadas por ser surdas e lindas mulheres, não fique triste e seja livre. (Diário de bordo do pesquisador, 30/05/2022)

Quando elas terminam a narrativa delas que vão dialogar com as participantes, elas percebem que estão todas emocionadas e uma das mulheres está chorando muito comovida com o que elas apresentaram. A **Personagem Rosália** fala sobre sua emoção: “estou chorando, pois me vi nessa apresentação, é a relação que tenho com a minha mãe, ela me ajuda, pois me sinto muito triste por não ter amigos.” Com isso todas as participantes se abraçaram e assim

finalizamos o nosso encontro, todos emocionados com a construção desta narrativa.

Dessa forma, estas duas apresentações das nossas personagens, vem com grande potência, podemos observar as mudanças cognitivas nas suas questões de gênero e sexualidade, as afirmações do ser mulher, se empoderar de sua luta, a positividade do seu ser o viver as suas afetividades consigo mesma. A potencialidade do viver é conhecer e se conhecer é amar a se mesmo.

Oficina 05 - Percurso de produção inventiva: O que tenho a dizer/criar - As mãos que conhecem e multiplicam saberes.

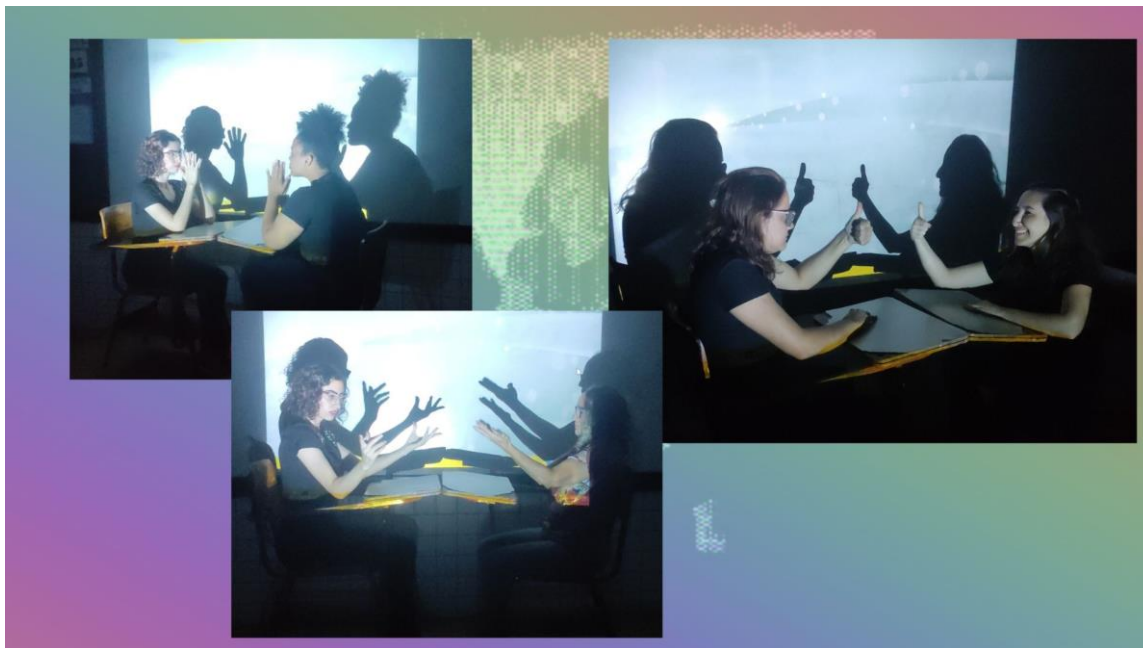
As participantes foram convidadas a falar sobre seu processo nas oficinas e propor um novo olhar sobre seus corpos no dia 06/06/2022. Foi uma criação coletiva onde puderam sentir e criar. Convidadas a elaborar uma performance para apresentar no último encontro. O tema será proposto pelos colaboradores da pesquisa e a temática será gênero e sexualidade.

Destacamos algumas das ferramentas que são importantes na abordagem que adotamos na pesquisa, estas se colocam como materialidades e tecnologias que potencializam a experiência tão valiosa de narrar, de trazermos nossas vivências, inquietudes, observações sobre como vivemos e sobre como conhecemos.

Elas tiveram um tempo a sós para elabora o que elas queriam compor, optaram por fazer três momentos, um jogo teatral, um esquete e em seguida uma performance através de imagem onde fizemos juntos.

No primeiro momento, foi proposto por elas o *Jogo Espelhamento*, a sala estava no escuro com um datashow/projeto apontado para frente de duas cadeiras, duas participantes já estavam sentadas em cena e elas teriam que fazer o mesmo movimento que a outra estava propondo igual a um espelho.

Figura 03: Jogo Imagem: O espelho de ser quem somos.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2022).

A construção do *Jogo Espelhamento*, foi feita pelas nossas Personagens e apresentado por elas vêm nos mostrar a sensibilidade dessas mulheres, a construção da luz do ambiente, as cadeiras de frente e o jogo proposto de espelhamento vem ressaltar a empatia e amorosidade que elas têm umas para com as outras, a emotividade e solidariedade que elas apresentam as suas companheiras surdas.

Cada uma das participantes conhecem a realidade umas das outras, sejam de uma forma íntima ou mais distanciadas, mas elas se conhecem, sabem de suas lutas e resistências de ser mulheres surdas e com muita amorosidade cada uma se acolhem.

O segundo momento feito por elas, trouxe a montagem de um esquete, construíram uma história inspiradas nelas e nas suas vivências. Em cena, uma formação de arena, trouxeram uma apresentação com o tema: “Eu sou mulher surda, eu posso!”.

A história se passa sobre uma criança surda e uma mãe que não sabia lidar com a filha por sua condição de nascença. Uma tem uma filha e identifica que ela não reagia a barulhos, levou a médica e descobriu a o que a filha tinha, a mãe ficou muito preocupada. Anos depois a filha cresce e vai para a elas, todas as meninas zombavam dela e chamavam ela de burra por não saber se

comunicar em português, a menina surda ficava sempre triste e chorava muito. A mãe vendo a tristeza da filha resolveu procurar uma professora que sabia Libras, pois a filha não conhecia sua própria língua, com isso a professora começou a ensiná-la, conheceu outras meninas surdas e que tornaram suas amigas e ajudaram a na comunicação na Língua Brasileira de Sinais. A mãe vendo a felicidade da filha volta para agradecer a professora e as novas amigas, elas terminam a frase “Importante estudar Libras”.

Essa história interpretada por elas atrizes, narram suas vivências, suas negações e suas conquistas, sabemos que as leis de inclusões precisam ser resguardadas e cobradas por todos, é uma responsabilidade de todos. Tive na pesquisa uma diversidade de mulheres, uma negra, uma que tem filhos, uma aluna universitária, entre elas a pluralidade ser mulher e ser o que quiser. Elas lutam umas pelas outras, pelas que vieram e pelas que estão por vir. A luta é por (r)existir.

Para finalizar nosso último encontro juntas, criamos em conjunto – criado por elas e auxiliado por mim – uma imagem, um registro sobre ser essa multiplicidade de mulheres.

Figura 04: Performance final: a pluralidade ser sermos quem somos.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador (2022).

Ser surda, ser mulher, medos e preconceito, amor e afeto. Essa imagem acima foi produzida no nosso último encontro, a relevância deste momento produzido por esse grupo, encontramos por todo percurso as afecções vivenciadas nelas, nos seus corpos e nas suas narrativas.

Os nossos encontros foram repletos por emoções, narrativa de uma completava a narrativa da outra, foi real a vivência com cada uma delas, elas estiveram submersas na pesquisa, entregue a falar e se expressar sem medos e julgamentos.

Dessa forma, os objetivos desta pesquisa foram de suma importância para a construção deste jogo, o progresso dos saberes, do entendimento, das vivências, a cada momento o esperado e o inesperado foram vivenciados de formas plural e foram acolhidos, a cada mudança do sentir e viver a sexualidade e suas questões impostas.

Oficina 06 - **Percurso de produção inventiva:** Quem sou eu, quem somos nós. Minha Autonarrativa

As participantes foram convidadas a apresentar a última autonarrativa sobre seus entendimentos a respeito de gênero e sexualidade dentro nas oficinais que trabalhamos juntos. Como foi para cada uma delas a construção das oficinas com os temas e como foram as suas transformações.

Elas estão livre para falar e se expressar sobre quem são elas, quem são essas mulheres surdas, qual o seu modo viver e sentir, estas autonarrativas tem como objetivo trabalhar o sentir das transformações e afecções.

Nossa primeira **Personagem é Maria**, ela foi uma participante que esteve em todos os momentos produzindo narrativas sobre autoconhecimento e suas motivações do viver.

Oi, sou Maria, mulher surda, estudante, aluna e futura profissional da educação, a vida me ensinou a ser positiva, nem sempre foi assim, sofri muito, mas sempre vejo o lado bom das coisas, sabe? Eu consegui me ver uma mulher muito mais forte do que eu já sou, antes duvidava do meu potencial. Me perguntava: eu uma profissional surda? Agora eu sei que posso ser o que quiser. Eu como mulher surda posso ser exatamente aquilo que eu escolhi ser. (Autonarrativa de Maria, 06/06/2022)

Essa personagem apresenta uma força no seu modo de viver, sua narrativa vem com elementos da não desistência da vida, do saber, do amar. **Maria** se apresenta sempre com um sorriso no rosto com suas palavras de motivadoras e firmes. Em seguida a nossa **Personagem Deusa** apresenta sua autonarrativa e sua trajetória até aqui. Sua forma de ver o mundo sempre apresenta novos caminhos de nos conectar com a vida:

Oi, me chamo Deusa, sou mulher surda, queria ter palavras bonitas para dizer sobre mim, a vida foi bem difícil, falo sobre isso, pois quero falar da realizada de ser quem sou. Ser uma mulher surda e morar em um bairro periférico é difícil, são muito preconceitos juntos, pra vencer na vida tem que correr muito, batalhar muito, muitas pessoas me ajudaram a chegar até aqui, agradeço a todas elas (Autonarrativa de Deusa, 06/06/2022).

Assim, identificar de onde somos, o que sentimos e de que forma sentimos isso é de suma importância, Deusa apresenta sua forma de ver o mundo e de qual lugar social ela se encontra, estamos vivendo a pluralidade dos saberes e da forma de sentir.

Por último, vamos apresentar a autonarrativa da nossa **Personagem Rosa**, uma mulher que marcou a nossa trajetória das oficinas com seus suas narrativas e seus posicionamentos sobre sexualidade e sua forma de viver:

Olá, me chamo Rosa, sou uma mulher surda, ou um homem surdo, não sei explicar, eu apenas sinto, não digo que sou um homem trans, nem uma mulher bissexual, eu sou muitas, como já disse eu amo passar batom, me sentir bonita, mas também adoro roupas masculinas, me vejo dessa forma também. Eu quero ser livre, quero amar e me sentir amada. Por anos vive a opressão de ser uma pessoa surda, de ter que ouvir, de não saber Libras, ser uma pessoa surda sem saber sua própria língua é doloroso, sinto na pele essas dores, por causa disso tenho meus traumas e dificuldades. Um dia eu serei livre para ser eu (Autonarrativa de Rosa, 06/06/2022).

Dessa forma, podemos entender a intensidade da pluralidade que podemos ser, ser muitos, não ser nada, é o sentir que vem primeiro, é o explorar e conhecer, é a vontade de viver para existir e (r)existir.

Em toda a nossa trajetória nas oficinas vimos a construção desses saberes, o que essas mulheres tinham a dizer sobre suas experiências, nas

construções das narrativas dentro da pesquisa elas estavam em primeiro plano, estavam sendo protagonistas deste trabalho.

6. CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS: a experiência continua

Neste estudo, partimos da premissa de que viver é conhecer e conhecer é viver, fomos construindo a escrita a partir da autonarrativa do pesquisador, balizado pela autonarrativa das participantes. O intuito era de permitir aos leitores a compreensão sobre como emerge e se desenvolve um horizonte de pesquisa representada na pergunta: como as pessoas surdas entendem suas questões de gênero e sexualidade através dos Jogos Teatrais?

Alcançamos o momento de revisitar o caminho da pesquisa e olhar em perspectiva. A partir disso, é possível afirmar que o estudo possibilitou a cada participante e ao próprio pesquisador observar imagens, ideias, gestos, emoções que emergiam nos atos de criação teatral e nas autonarrativas presentes em todos os deslocamentos que na singularidade das pessoas surdas integram a potência da Língua Brasileira de Sinais, uma língua viso gestual. Com isso, foi viabilizada a evocação dos repertórios humanos de todas e cada uma das pessoas participantes no sentido de (re)significar entendimentos sobre gênero e sexualidades.

O itinerário é elemento significativo e nos momentos iniciais deste estudo já se justificou a intenção do caminhar ser trilhado através de jogos teatrais, com inspiração no TO. Mesmo estabelecendo elaborações prévias de jogos, observou-se a potência desse percurso na medida em que tanto faziam disparar possibilidades de citações junto ao coletivo da pesquisa como também emergir adaptações necessárias para o grupo que já aconteciam dentro e fora da sala de aula que permitiam a criação de novos jogos teatrais. Apresentou-se, com o desenrolar deste estudo, estratégias de acolher uma construção coletiva que enriquece a autonomia. O acolhimento das intervenções aponta em si a exata direção no sentido da melhor forma de as participantes compreenderem sua ação participativa em relação aos jogos.

O percurso metodológico desenvolvido com as oficinas foi potente no sentido de facilitar a discussão gênero e sexualidade tanto a partir das imagens e autonarrativas materializadas, advindas da experiência, da vivência; como também de conversar sobre as sexualidades no viver cotidiano das participantes. Através dos Jogos Teatrais – na cena, em rodas, como atrizes ou sujeitos

participantes – conseguiu-se perceber mobilizações no processo de conhecer, viver e sentir a sexualidade nos entendimentos das participantes.

O método, do mesmo modo, foi capaz de afetar minha autonarrativa com destaque para percepção sobre minha trajetória de vida e a forma do viver com que até então acolhia as relações de gênero e sexualidade. Compreendo que as vivências me permitiram amadurecer meu entendimento sobre transformações cognitivas acerca das marcações de gênero e sexualidade da pessoa surda e de como a tecnologia dos jogos teatrais se modificam e se deslocam na vivência dos corpos de mulheres surdas. De mais a mais, a teoria da Biologia do Conhecer mostrou-se fundamental no aprofundamento e qualificação do trabalho com autonarrativas e com transformações do viver e amar de pessoas surdas, nesta pesquisa contextualizada em uma instituição educativa.

Como neste estudo a proposta era compreender como cada participante se entendia sobre os temas envolvidos nas relações de gênero e sexualidade, tornou-se claro que não existia um caminho linear a ser trabalhado. Minha posição era ao lado, percorrendo junto com os participantes as criações e registrando em meu diário de bordo como percebia cada momento da experiência.

É possível afirmar que enquanto facilitador acompanhei transformações das participantes – mudanças cognitivas e de afetos – no seu entendimento sobre gênero e sexualidade. Cada participante e as criações coletivas propiciadas pelas oficinas constituiu uma vivência de reflexões e autoconhecimentos sobre questões de gênero e sexualidade, afloradas no âmbito da elaboração de emoções. Ressalta-se, com isso, que para construirmos possibilidades de acolhimento das diferenças que envolvem gênero e sexualidade, o teatro surge como método, caminho para que aconteçam os movimentos e transformações nas emoções que dão suporte às ações cotidianas de cada participante.

Isto posto, as autonarrativas das nossas participantes dentro dos Jogos Teatrais configuraram um rico acervo, nossos materiais de pesquisa que ainda necessita de mais investimento em aprofundar leituras.

A autonarrativa colabora com a (re)afirmação das identidades presentes nos participantes. No caso, “ser mulher surda” e “mulher surda que tem direitos e deveres”. Assim, por vezes a Personagem Maria afirmava “Sou mulher, sou

surda, sou poderosa e sou o que eu quiser”, e a Personagem Rosa “Eu quero ser, mulher, quero ser homem, quero ser o que eu posso ser, não quero rótulos, mesmo me achando feminina e vaidosa”. Dessa forma, a pluralidade do sentir ia sendo exercida no campo de pesquisa e sendo acolhida por todas.

Temáticas sociais emergiam a partir da reprodução de discursos binários, patriarcais e, por vezes, sexistas que precisam ser revisitados pela importância que consiste em desnaturalizar lógicas e discursos que sustentam práticas de violência de gênero. Emergiram e se transformaram dores em coragem para seguir em frente; medo e vergonha em desejos de construir novas formas de existência e alegria. Sobretudo, abriu-se espaço para florescer novas formas de amar.

Com este estudo fica mais evidente a necessidade de falarmos sobre o tema junto a pessoa surda. A compreensão sobre o que é gênero e sexualidade ainda é um tabu e, para além disso, ainda é bastante negado dentro das instituições, família, espaços da educação, falar sobre diversidade de gêneros, seja nas aulas de Biologia ou nas aulas de Teatro. Karla Demoly, nos encontros de orientação, acrescenta que não tem sido negado só à comunidade surda, reforçando que somos todos uma comunidade só lutando por nossos direitos, com um profundo desejo de amorosidade e cuidado como forma de reexistirmos.

Certamente, ao pensar dessa forma entendemos que é preciso sentir o viver; contudo, faz-se também imprescindível a sensibilidade para discutir as interseccionalidades presentes na forma atual de existir amplamente atravessada pelo capital.

REFERÊNCIAS

ABREU, Fabrício Santos Dias de. **Experiências linguísticas e sexuais não hegemônicas: um estudo das narrativas de surdos homossexuais**. 2015. 184 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

BISOL, Cláudia Alquati. **Adolescer no contexto da surdez: questões sobre a sexualidade**. 2008. 91 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

_____. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005a.

_____. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005b.

_____. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo. Editora 34, 2019.

CANDA, C. N. Pro dia nascer feliz: diálogos entre Augusto Boal e Paulo Freire nos estudos de teatro e de educação. Entrelaçando. Revista Eletrônica de Culturas e Educação, n. 1, ano 1, out/nov de 2010, p. 39-53. Disponível em: . Acesso em 01 maio, 2022.

CANDA, CN. Paulo Freire e Augusto Boal: diálogos entre educação e teatro. Rio Grande do Norte: Holos, v. 4, ano 28, p. 195- 205, 2012. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/setembro2012/arte_artigos/dialogos_entre_educacao_e_teatro.pdf. Acesso em 01 maio, 2022.

CONNELL, Rewing W. Políticas da masculinidade. Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p.185-206, jul/dez. 1995.T

FARIA, Nalu. Sexualidade e gênero: uma abordagem feminista. In: (Org) Sexualidade e gênero: uma abordagem feminista, São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, 1998. p. 9-39.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019. 143 p.

GALLO, S. **Deleuze e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **LOGEION: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, set.2019/fev2020, p. 57-73. Disponível em: <https://sites.usp.br/dms/wp-content/uploads/sites/575/2019/12/Revis%C3%A3o-Sistem%C3%A1tica-de-Literatura.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2020.

GARBE, Douglas de Souza. Acessibilidade às pessoas com deficiência física e a convenção internacional de Nova Iorque. Revista Unifebe, Balneário Camboriú, v.10, p. 95-104, jan/jun. 2012.

GARBE, Douglas de Souza. Acessibilidade às pessoas com deficiência física e a convenção internacional de Nova Iorque. Revista Unifebe, Balneário Camboriú, v.10, p. 95-104, jan/jun. 2012.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1985.

GUIMARÃES, Valéria Maria Azevedo. **Representações Sociais sobre a sexualidade: um estudo com discentes surdos**. 2019. 117 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Sergipe - Ufs, São Cristóvão, 2019.

HOOKS, B. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017. 283 p.

HOOKS, B. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução: Bhuvli Libanio. 10. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. 176 p.

KASTRUP, Virgínia. **O devir-consciente em rodas de poesia**. Revista do Departamento de Psicologia. Uff, Niterói-Rj, v. 17, n. 2, p. 45-60, jul. 2005. 6

LOURO, Guacira L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 16.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes *et al.* **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. 184 p.

LOURO, Guacira Lopes Gênero: questões para a educação. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra (Org.). Gênero, democracia e sociedade brasileira. São Paulo: 34: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 227-242.

_____. A emergência do gênero. In: Gênero, sexualidade e educação uma perspectiva pós-estruturalista Petrópolis: Vozes, 2003a p. 14-36

_____. Pedagogias da sexualidade. In: O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2003b. p. 7-34.

_____. Gênero, sexualidade e educação: perspectiva pós-estruturalista 6. ed. Petrópolis Vozes, 2003c

_____. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36

MATOS, H. A. Por uma pedagógica do absurdo. ResearchGate. São Paulo, out. 2016.
Disponível em: file:///C:/Users/Windows/Downloads/POR_UMA_PEDAGOGICA_DO_ABSURDO.pdf. Acesso em: 11 nov. 2020

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco G. *Árvore do Conhecimento – as bases biológicas do entendimento humano*, São Paulo: Editora Psy II, 1995.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. G. *De máquinas e seres vivos: autopoiese – organização do vivo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MATURANA, Humberto. *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*. Organização e tradução Cristina Magro, Victor Paredes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001, 203p. - (Humanitas).

_____, Humberto. *Entendendo os sistemas sociais?*. Escuela Matriztica de Santiago, Chile, 2014. Disponível em:
<http://imanentemente.blogspot.com/2014/04/entendendo-ossistemas-sociais-de.html>. Acesso em: julho de 2021

MOTTEZ, Bernard. *Les Sourds existent-ils?* Paris: L'Harmattan, 2006, p. 388.

MÜLLER, Márcia Beatriz Cerutti. **Surdez, gênero e sexualidade: um estudo sobre o imaginário social em uma escola de ensino fundamental bilíngue no sul do Brasil**. 2017. 182 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Lasales, Canoas, 2017.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-42, mês 2000.

PEDROSA, Marilda de Paula. **Da Argila ao vaso: sexualidade e surdez no espaço escolar - atravessamentos discursivos e a construção da sexualidade**. 2010. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Ju, 2010.

PEREIRA, Halana Maia. **Pesquisadoras surdas brasileiras: divulgação online para contribuição na pesquisa do novo milênio**. 2019. 109 f. Tese (Doutorado) - Curso de Edu, Universidade Federal Fuminense, Niterói, 2019.

RIBEIRO, Karen. **Sexualidade e Gênero: estudos das relações afetivas de jovens surdas de uma escola municipal de educação especial de São Paulo**. 2011. 210 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990, p.5.

SKLIAR, Carlos. (Org.) *Educação e exclusão: Abordagens socioantropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997.

THIBAUD, Jean-Paul. Regards en action. Ethnométhodologie des espaces publics. Bernin: A la Croisée, 2002.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**, jan./jun., 2005, p. 127-152. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a07.pdf>. Acesso em: 12 jan 2021.

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. A mente incorporada. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánches. As idéias estéticas de Marx. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. Pensamento crítico, v. 19.

VEDOATO, Sandra Cristina Malzinoti. **Relações entre surdez, raça e gênero no processo de escolarização de alunos surdos do Paraná**. 2015. 66 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

VIANNA, Cláudia Pereira. **Sexo e gênero**: masculino e feminino na qualidade da educação: alternativas teóricas e práticas. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997. p. 119-129.

VIEIRA, Demóstenes Dantas: **Do lugar social ao lugar discursivo**: os direitos civis da pessoa LGBTQI+, a ética e o atravessamento do discurso cristão no discurso político produzido pela Frente Parlamentar Evangélica – FPE / Demóstenes Dantas Vieira. – Recife, 2020.